

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**FRANCISCA ROSELI DE ALCÂNTARA MADEIRO**

**TERMINOLOGIAS:**

**PROPOSTA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM  
TESAURO DE TERMOS NAVAIS**

**FORTALEZA  
2005.1**

FRANCISCA ROSELI DE ALCÂNTARA MADEIRO

PROPOSTA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM TESAURO DE TERMOS NAVAIS

FRANCISCA ROSELI DE ALCÂNTARA MADEIRO

**TERMINOLOGIAS:**

**PROPOSTA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM TESAURO DE TERMOS NAVAIS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Ciências da Informação, da Universidade Federal do Ceará, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Virgínia Bentes Pinto.

FORTALEZA

2005.1

TERMINOLOGIAS:  
PROPOSTA PARA CONSTRUÇÃO DE UM TESAURO DE TERMOS NAVAIS

POR

FRANCISCA ROSELI DE ALCÂNTARA MADEIRO

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Virgínia Bentes Pinto  
Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup> Ms. Maria de Fátima Silva Fontenelle

---

Prof<sup>º</sup> Ms. Márcio de Assumpção Pereira da Silva

Esse trabalho configura um divisor de águas em mim. Minhas motivações com relação ao Curso de Biblioteconomia e expectativas quanto a um futuro ingresso na carreira militar, já são constantes em minha vida. Com a passagem pela academia, esses anseios foram amadurecendo e adquirindo formas adultas. Pude ultrapassar minhas concepções acerca da minha área de trabalho e visualizar uma carreira promissora e de grande sucesso.

Roseli Madeiro.

Aos meus pais, Antonio e Regina, que sempre estiveram do meu lado nos momentos necessários.  
Aos meus irmãos, Neto e Camila, pelo incentivo.  
À minha querida avó Joaquina, pela confiança.  
À Henrique Cássio, uma pessoa muito especial.

A Deus, criador da vida e dono de todo o meu ser.

À Profª. Dra. Virgínia Bentes Pinto, pela orientação essencial à realização dessa monografia.

À professora Fátima Fontenelle, pela orientação na elaboração do tesaurus.

À professora Terezinha, pelo incentivo.

À minha amiga Joana, pelo apoio nos momentos mais incertos no decorrer da elaboração desse trabalho e pela sincera amizade.

Aos meus amigos Jonathas, Marx, Ewerly e Adriana, pela colaboração na finalização desse trabalho.

À CT (T) Lenísia Veloso dos Santos, encarregada do Serviço de Orientação Pedagógica (SOP) da Escola de Aprendizizes - Marinheiros do Ceará (EAM/CE) pelo apoio.

Aos biblioamigos dos Enebd's, Erebd's e fóruns estudantis, pelas discussões e pesquisas partilhadas.

E a todos que de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho.

## RESUMO

Aborda o tema da migração a partir de duas canções populares, tratando conceitos da sociologia, antropologia e terminologias culturais. Defina os termos e explique seu significado, considerando a importância da linguística e a importância da cultura. Explique o significado da migração e a importância da cultura. Explique o significado da migração e a importância da cultura.

## Palavras-chave:

Canções populares, Terminologia, Teoria da migração, Cultura popular.

## ABSTRACT

It approaches the theme of migration from two popular songs, treating concepts of sociology, anthropology and cultural terminologies. Define the terms and explain their meaning, considering the importance of linguistics and the importance of culture. Explain the meaning of migration and the importance of culture.

## Keywords:

Popular songs, Terminology, Migration theory, Popular culture.

“Qual cisne branco em noite de lua,  
Vai deslizando num lago azul.  
O meu navio também flutua,  
Nos verdes mares de Norte a Sul.  
Linda galera que em noite apagada,  
Vai navegando num mar imenso.  
Nos traz saudades da terra amada,  
Da Pátria minha em que tanto penso”.

(Trecho da Canção *Cisne Branco*.  
Música de Antonio Manoel do Espírito  
Santo e Letra de Francisco Dias  
Ribeiro).

**RESUMO:**

Aborda a terminologia a partir de sua evolução histórica, trazendo concepções da socioterminologia e da terminologia cultural. Define os termos, abordando sua função cognitiva e sua dimensão lingüística e sintetiza os conceitos, enquanto unidades de pensamento, de conhecimento e de comunicação. Caracteriza as linguagens de especialidades e os tesouros, apresentando uma breve explanação acerca da linguagem especializada da Marinha do Brasil e um tesouro de termos navais.

**Palavras-chave:**

Terminologia; Socioterminologia; Terminologia cultural; Tesouros; Termos navais.

**ABSTRACT:**

It approaches the terminology from its historical evolution, bringing conceptions of the socioterminology and the cultural terminology. It defines the terms, approaching its cognitive function and its linguistic dimension and synthesizes the concepts, while units of thought, knowledge and communication. It characterizes the languages of specialties and the tesouros, presenting one brief communication concerning the specialized language of the Navy of Brazil and one tesouro of naval terms.

**Keywords:**

Terminology; Socioterminology; Cultural terminology; Tesouros; Naval terms.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>10</b> |
| <b>2 A TERMINOLOGIA .....</b>  | <b>15</b> |
| <b>2.1 Aspectos históricos e conceituais da terminologia .....</b>                   | <b>16</b> |
| <b>2.2 Teoria Geral da Terminologia (TGT) .....</b>                                  | <b>21</b> |
| <b>2.3 Classes de linguagens terminológicas .....</b>                                | <b>23</b> |
| <b>2.4 Socioterminologia .....</b>   | <b>25</b> |
| <b>2.5 Terminologia cultural .....</b>   | <b>26</b> |
| <b>2.6 A pesquisa terminológica no Brasil .....</b>                                  | <b>27</b> |
| <b>3 CONCEITOS, TERMOS E DEFINIÇÕES .....</b>  | <b>31</b> |
| <b>3.1 O termo e sua função cognitiva .....</b>                                      | <b>32</b> |
| <b>3.2 A dimensão lingüística do termo .....</b>                                     | <b>34</b> |
| <b>3.3 Conceitos: unidades de pensamento, de conhecimento e de comunicação .....</b> | <b>35</b> |
| <b>4 TERMINOLOGIA: LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE E DICIONÁRIOS .....</b>                | <b>37</b> |
| <b>4.1 Terminologia e linguagem de especialidade .....</b>                           | <b>38</b> |
| <b>4.2 Termo e linguagem de especialidade .....</b>                                  | <b>38</b> |
| <b>4.3 Dicionário de língua geral e especializado .....</b>                          | <b>40</b> |
| <b>4.4 Dicionários técnicos .....</b>  | <b>41</b> |
| <b>5 LINGUAGENS TERMINOLÓGICAS: O TESAUROS .....</b>                                 | <b>43</b> |
| <b>5.1 Tesouro: histórico e evolução .....</b>                                       | <b>44</b> |
| <b>5.1.1 Definições de tesauros .....</b>  | <b>44</b> |
| <b>5.1.2 Histórico dos tesauros .....</b>  | <b>45</b> |
| <b>5.1.3 Características e funções dos tesauros .....</b>                            | <b>48</b> |
| <b>5.1.4 Princípios de um tesouro .....</b>  | <b>50</b> |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>6 A LINGUAGEM ESPECIALIZADA DA MARINHA DO BRASIL E O TESAURO DE TERMOS NAVAIS .....</b>          | <b>51</b> |
| <b>6.1 A linguagem especializada da Marinha e a metodologia para a construção do tesouros .....</b> | <b>52</b> |
| <b>6.2 Tesouro de termos navais .....</b>   | <b>54</b> |
| <b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>80</b> |
| <b>8 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....</b>  | <b>83</b> |

## I INTRODUÇÃO

**“Deus quer e o homem sonha, a obra nasce. Deus quis que a terra fosse toda uma. Que o mar unisse já não separasse, sagrou-te, e foste desvendando a espuma”.**  
**(Fernando Pessoa)**

Nas atividades mais gerais e corriqueiras da vida cotidiana, devemos nos expressar com propriedade e fazer uso das palavras dentro de seu sentido correto, para podermos compreender e nos fazer compreender, principalmente quando se trata de atividades profissionais, pois a compreensão e o entendimento entre especialistas é a base das boas relações e índice de um progresso em evolução contínua.

A diferença fundamental entre um texto da língua geral e outro, de uma linguagem especializada, está no uso dos termos específicos de determinada área, que lhe confere o caráter de especificidade, em distintos níveis de especialização. As linguagens especializadas se caracterizam pelo emprego da terminologia, que representa a estrutura conceitual de determinada matéria, enquanto os termos denominam os conceitos da rede estruturada da matéria em questão.

A linguagem de especialidade é composta por conceitos e noções que se expressam por intermédio de termos específicos, peculiares a cada modalidade de especialização. A terminologia tem por objetivo codificar, nomear um fato, um conceito.

A constituição de uma terminologia própria marca, em toda ciência, o advento ou o desenvolvimento de uma conceitualização nova, assinalando, assim, um momento decisivo de sua história. Poder-se-ia mesmo dizer que a história particular de uma ciência se resume na de seus termos específicos. (BENVENISTE, 1989 apud KRIEGER, 2001).

As comunicações profissionais articulam-se ao modo de linguagens especializadas, as quais compreendem, em larga medida, seus termos técnicos. Estes são assim instituídos, por força de especificidades conceituais dos diferentes campos do conhecimento. Cabré (1993 apud KRIEGER, 2001) diz ainda que: “Para os especialistas, a terminologia é o reflexo formal da organização conceitual de uma especialidade e um meio inevitável de expressão e de comunicação profissional”.

Nas mais diversas áreas do conhecimento torna-se indispensável haver um repertório de vocábulos comuns entre os falantes. Corroborando, Cervantes (2003) afirma que: “(...) para

superar dificuldades de comunicação e obter êxito nessas relações, surge a necessidade da criação de linguagens mediadoras que representem o conhecimento do significado dos termos de uma determinada área”.

A terminologia é entendida por Dias (2000), como um conjunto de termos de uma especialidade ou ainda, um conjunto de unidades de expressão e comunicação que permitem transferir o pensamento especializado, considerando assim, como forma de transferir, de comunicar. Neste sentido, destaca-se a terminologia da Marinha, pois como afirma Lyra (1999), os homens do mar, há muitos séculos, vêm criando nomes para identificar as diversas partes dos navios e designar a praxe de suas ações, as quais, pela repetição, tornaram-se costumes. Naturalmente, muitas particularidades e expressões da tradição naval lembram, às vezes, aspectos da vida doméstica ou de atividades em terra. Vivendo experiências semelhantes, os marinheiros sempre se ajudam uns aos outros e trocam conhecimentos. Por eles foram criados, e continuam a sê-lo, costumes, usos e linguagem comuns: a tradição do mar. Trata-se de linguagens consagradas pelo tempo. Partindo de tais reflexões, surge o desejo de compreendermos as peculiaridades e amplitude de tais terminologias.

A escolha da temática: *Terminologias da Marinha* surgiu e veio ao encontro de uma ansiedade pessoal, que há muito tempo desperta minha curiosidade em desbravar novidades acerca do assunto. O interesse em pesquisar sobre terminologias surgiu a partir da leitura de um artigo que falava sobre as linguagens faladas na Amazônia, onde resgata as histórias dos ribeirinhos. A partir de então, passei a observar que existem campos de atuação profissional, onde a terminologia está bastante presente. Dentre este, destaca-se a Marinha, organização militar onde atracam meus anseios profissionais.

A Marinha vem agregando esforços para integrar o seu sistema de bibliotecas em todas as OM's (Organizações Militares) no Brasil, trata-se da Rede BIM (Bibliotecas Integradas da Marinha), criada no início do ano passado. A Rede BIM ainda não tem um vocabulário controlado específico da MB (Marinha do Brasil) para fins de indexação e recuperação da informação, para tal, utiliza o vocabulário da Biblioteca do Congresso. Segundo a Bibliotecária Regina (Comandante responsável pelo SDM – Serviço de Documentação da Marinha), eles tem

pretensões futuras de construir um tesaurus de e de estabelecer políticas nesse sentido. Daí se reitera o interesse em construir um tesouro de termos navais, já que temos projetos de adentrar para a instituição.

No que concerne aos procedimentos metodológicos, é utilizado o método socioterminológico, o qual fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem. (FAULSTICH, 1995, p.282).

O tesouro foi elaborado a partir da consulta de livros de marinharia, de algumas obras de referência como Dicionário de termos náuticos e Glossário de gíria maruja, tomando como base o Vocabulário Controlado do Senado, como também, da observação ao longo do ano de 2004, no que diz respeito às linguagens utilizadas pelos marinheiros, enquanto estagiava na biblioteca da instituição.

No primeiro capítulo apresentamos o ambiente da pesquisa tendo por base nossas questões, objetivos e a motivação para investigar o tema.

O segundo capítulo, *A terminologia*, reúne aspectos históricos e conceituais acerca da terminologia, os fundamentos da teoria geral da terminologia (TGT), as classes de linguagens terminológicas, as novas concepções de terminologia, como a socioterminologia e a terminologia cultural e finaliza fazendo um apanhado da pesquisa terminológica no Brasil.

No terceiro capítulo, *Conceitos, termos e definições*, aborda o termo e sua função cognitiva, a dimensão lingüística do termo e os conceitos, enquanto unidades de pensamento, de conhecimento e de comunicação.

No capítulo seguinte, *Terminologia: linguagem de especialidade e dicionários*, faz uma relação entre o termo e a linguagem de especialidade, distingue dicionário de língua geral e especializado e conceitua dicionários técnicos.

Já no quinto capítulo, *Linguagens terminológicas: o tesaurus*, focaliza o histórico e a evolução dos tesauros, sinaliza suas características e funções e também, os princípios necessários para a sua construção.

Por fim, o sexto capítulo, *Linguagem especializada da Marinha do Brasil e o tesouro de termos navais*, faz uma breve abordagem acerca da linguagem especializada da MB e apresenta o tesouro de termos navais.

A importância da terminologia manifesta-se no uso correto dos vocábulos, em sua formação apropriada e em sua conservação, protegendo-os da obsolência. Manifesta-se ainda, na uniformidade da linguagem, na normalização dos vocábulos especializados, na busca de equivalências apropriadas a serem empregadas em traduções. Para a finalidade deste trabalho, interessa fazer referência à terminologia como fator extremamente relevante nas atividades profissionais - especializadas.

## 2.1 Aspectos históricos e conceituais da Terminologia

Os aspectos históricos da Terminologia remontam ao surgimento das primeiras línguas escritas, quando se verificou a necessidade de estabelecer um padrão de comunicação em termos de vocabulário, para garantir a precisão e a clareza nas transmissões de conhecimentos, especialmente em áreas como a medicina, a filosofia, a religião e a ciência.

A terminologia desenvolveu-se ao longo da história, refletindo as necessidades de comunicação de diferentes sociedades e culturas. Desde os antigos gregos e romanos, que utilizavam termos específicos para descrever conceitos filosóficos e científicos, até os modernos sistemas de terminologia desenvolvidos no século XX para facilitar a comunicação em áreas técnicas e científicas.

Em suma, a terminologia é uma disciplina que estuda a organização e a comunicação de conceitos em uma área específica. Ela desempenha um papel fundamental na construção de uma linguagem comum e precisa, essencial para a transmissão de conhecimentos e a colaboração em diferentes campos do conhecimento.

## 2 A TERMINOLOGIA

Quando falamos em terminologia, estamos nos referindo ao estudo da organização e da comunicação de conceitos em uma área específica. Ela desempenha um papel fundamental na construção de uma linguagem comum e precisa, essencial para a transmissão de conhecimentos e a colaboração em diferentes campos do conhecimento.

**“Para os especialistas, a terminologia é o reflexo formal da organização conceitual de uma especialidade e um meio inevitável de expressão e de comunicação profissional”. (CABRÉ, 1993 apud KRIGER, 2003).**

A terminologia é uma disciplina que estuda a organização e a comunicação de conceitos em uma área específica. Ela desempenha um papel fundamental na construção de uma linguagem comum e precisa, essencial para a transmissão de conhecimentos e a colaboração em diferentes campos do conhecimento.

## 2.1 Aspectos históricos e conceituais da terminologia

A terminologia não é um fenômeno recente, ao contrario remonta a história do homem, desde que se manifesta a linguagem, nos encontramos em presença de línguas de especialidade, é assim que se encontra a terminologia dos filósofos gregos, a língua de negócios dos comerciantes cretas, os vocábulos especializados da arte militar, etc. (RONDEAU, 1984 apud KRIEGER, 2001, p.34).

A terminologia, compreendida como componente lexical das comunicações especializadas, integra a história da humanidade, constituindo-se em expressão dos saberes técnicos e científicos.

Em seus estudos, Campos (2001, p.59) emprega a terminologia como disciplina científica que propicia princípios metodológicos para a elaboração de terminologias (sistemas de conceitos) mais bem estruturadas para as diversas áreas do conhecimento.

O pioneiro dos estudos que propiciam a terminologia o status de área do conhecimento foi o engenheiro austríaco E.Wüester que, nos anos 30, ao organizar a Terminologia de Eletrotécnica, com o objetivo de garantir comunicação precisa nesse campo da técnica, terminou por desenvolver a Teoria Geral da Terminologia em sua tese intitulada *Internationale Sprachnormung in der Technik* - Normalização Internacional da Língua no campo da Técnica - (FELBER, 1981 apud CAMPOS, 2001, p.60). Segundo esta teoria, a Terminologia se ocupa dos conceitos de uma língua técnica ou língua especial, os quais se relacionam entre si como um sistema de conceitos.

Com a disseminação das idéias de Wüester sobre a Teoria Geral da Terminologia várias linhas de pesquisa se formam e se apresentam refletidas em três escolas clássicas - a Escola de Viena, a Escola de Praga e a Escola Soviética de Terminologia.

A Escola de Viena surge a partir da trajetória de E Wüester, seu fundador e criador da Teoria Geral da Terminologia, na qual estão fundamentadas suas bases teóricas e metodológicas.

Em 1935, o trabalho de Wüester foi traduzido para o russo e teve como seu maior divulgador o terminólogo soviético Drezen. A partir de um repertório feito por Drezen, referindo-se à importância das idéias inovadoras do trabalho de Wüester, a União Soviética propõe a criação de um Comitê Técnico dentro da Federação Internacional de Associações de Normalização, que seria o “ISO-37 Terminologia”. Fundado em 1936, visa à harmonização do trabalho terminológico internacional. Com a segunda guerra mundial, foram suspensos os trabalhos, que tinham por objetivo a preparação do vocabulário da ISO (Organização Internacional de Normalização), com regras para denominação de conceitos independentes da língua técnica internacional. (FELBER, 1984 apud CAMPOS, 2001, p.61).

Em 1957, foi fundado o “Comitê Técnico TC 37 de Terminologia (princípios e coordenação)”, da ISO, que continuou a tarefa da ISO 37. Desde 1931, ao retornar de seus estudos na Alemanha, Wüester se empenhou em organizar uma coleção que pudesse reunir toda a literatura existente sobre terminologia no mundo, para que servisse como base para pesquisas nesta área. Dois engenheiros soviéticos que também estiveram à frente desta Escola como grandes incentivadores do desenvolvimento da área de terminologia naquele país foram o professor Caplygin, membro da Academia de Ciências da União Soviética, e o eminente terminólogo Lotte.

Paralelamente aos estudos desenvolvidos na Escola Soviética, a partir de 1931, com as iniciativas desenvolvidas na área terminológica por E. Wüester, estudiosos tchecos iniciam também pesquisas no sentido de possibilitar um tratamento terminológico para a língua da ciência e da técnica. (FELBER, 1984 apud CAMPOS, 2001, p.64).

A Escola de Praga teve sua base teórico - metodológica estabelecida a partir dos fundamentos da Escola de Praga de Lingüística Funcional, cujas teorias estão baseadas no trabalho de Saussure, que enfatiza o aspecto funcional da língua.

Drozd (1981 apud CAMPOS, 2001, p.65) afirma que “a teoria da terminologia não foi diretamente inspirada pela lingüística, mas pela necessidade de desenvolver dicionários especializados para as indústrias”.

Segundo os terminólogos de Praga, existem dois grupos de saberes relativos aos aspectos metodológicos na área da terminologia: a teoria geral da terminologia e a teoria especial da terminologia.

Uma Teoria Geral da Terminologia deve lidar com questões terminológicas gerais, seus resultados sendo aplicáveis a todas as línguas relevantes. Uma Teoria Especial da Terminologia deve “lidar com questões terminológicas” dentro de uma língua individual. Não deve haver “espaço” entre as descobertas e princípios estabelecidos para a TT Geral e Especial: se as observações de uma TT especial forem verdadeiras, isso significa que elas pertencem a uma realidade objetiva de uma dada língua, elas devem ser aplicáveis igualmente a outra língua. Estas conclusões foram confirmadas e verificadas pelos resultados obtidos num confronto entre a terminologia theca e alemã. (DROZD, 1981 apud CAMPOS, 2001, p.65).

A palavra terminologia vem se apresentando na literatura, de uma forma geral, com três significados distintos: uma lista de termos e seus significados; os termos de uma área de especialidade; e um conjunto de princípios teóricos. (WÜESTER, 1981 apud CAMPOS, 2001, p.65).

O primeiro significado nos leva ao campo dos dicionários técnicos, dos vocabulários e léxicos. Neste contexto, a terminologia é entendida como a apresentação ordenada de um certo grupo de conceitos e termos de uma área de assunto qualquer. O segundo significado considera o termo como o campo que abrange o estudo científico dos termos de uma área particular de conhecimento de uma certa língua, e, neste caso, apresenta bastante semelhança com a lexicologia especializada, isto é, o estudo científico do conjunto de termos de uma dada língua, em uma área especializada. O terceiro significado considera a terminologia como a área de estudo dos princípios teóricos básicos para o trabalho terminológico, denominado como o estudo científico fundamental da terminologia, isto é, aquele que propicia ao termo o status de área do saber, através do estabelecimento destes princípios. Neste sentido, etimologicamente “ciência da terminologia significa: ramo do saber, disciplina científica, uma ciência em si, ciência como tal”.(DROZD, 1981 apud CAMPOS, 2001, p.59).

Cervantes (2003) cita em seu artigo, apresentado no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, alguns conceitos acerca de terminologia definidos por alguns teóricos, a exemplo, de Felber, Cabré, Sager e pela ISO:

Felber (1997 apud CERVANTES, 2003) apresenta três conceitos distintos para o termo terminologia:

- 1) ciência terminológica, área do conhecimento inter e transdisciplinar que trata dos conceitos e suas representações - termos, símbolos e outros;
- 2) conjunto de termos que representa o sistema de um campo especializado;
- 3) publicação na qual um sistema de conceitos de campo especializado está representado por termos.

Cabré (1999 apud CERVANTES, 2003) comenta que reconhece a polissemia do termo terminologia e relaciona três diferentes noções:

- 1) a disciplina, que se ocupa dos termos especializados;
- 2) a prática, referindo-se ao conjunto de diretrizes ou princípios que regem a compilação dos termos;
- 3) o produto gerado por esta prática, referindo-se a termos de uma área especializada.

De acordo com Sager (1990 apud CERVANTES, 2003) o termo terminologia pode ser conceituado diferentemente como:

- 1) uma atividade, referindo-se ao conjunto de práticas e métodos usados para coleta, descrição e apresentação dos termos;
- 2) uma teoria, referindo-se ao conjunto de premissas, argumentos exigidos para explicar a relação entre conceitos e termos;
- 3) um vocabulário de um campo específico.

Na norma ISO 1087 (1990 apud CERVANTES, 2003), o conceito terminologia aparece como “um conjunto de termos representando o sistema de conceitos de um domínio particular”.

Cabré (1993 apud ANDRADE, 2001, p.192) afirma que a terminologia, é antes de tudo, um estudo do conceito e dos sistemas conceituais que descrevem cada matéria especializada; e o trabalho terminológico consiste em representar esse campo conceitual, e estabelecer as denominações precisas que garantam uma comunicação profissional rigorosa.

A terminologia pode ser encarada como uma especificidade da lexicologia, uma vez que trata, não de todas as palavras da língua, mas daquelas que constituem as linguagens especializadas. “Entre as diversas tarefas da terminologia cabe-lhe o estudo das relações de significação (expressão e conteúdo) do signo terminológico, o que inclui a complexa dinâmica da criação desse signo (neonímia), e da renovação e ampliação dos universos de discursos terminológicos”. (ANDRADE, 2001, p.192).

Não resta dúvida de que a terminologia é uma forma de representar a realidade especializada, sendo portanto, representativa da diversidade, bem como das singularidades culturais de um povo. A terminologia se ocupa do termo, ou seja, da palavra especializada, dos conceitos inerentes às diversas matérias especializadas.

Ramos (2001, p.165) diz ainda que: “sendo linguagens de especialidades os instrumentos básicos de comunicação entre especialistas, e a terminologia, o elemento mais importante para precisar cognitivamente seu sistema de denominação, é através delas que esses profissionais ordenam e transferem seu conhecimento”.

## 2.2 Teoria Geral da Terminologia (TGT)

A Teoria Geral da Terminologia desenvolvida por Eugen Wüester é uma disciplina científica, que possibilita uma base para o trabalho terminológico, como também, é a base de todas as Escolas da Terminologia.

Para Campos (2001, p.66), o grande avanço dado pela Teoria Geral da Terminologia foi sistematizar princípios terminológicos que deram a esta atividade um caráter científico próprio, diferenciando-a da *atividade lexicográfica*<sup>1</sup>. Para muitos profissionais envolvidos com as questões de denominação, até aquele momento, não estava bem determinado o campo de atuação de cada uma das atividades.

O objetivo do trabalho terminológico é a fixação de conceitos, visando à elaboração de definições orgânicas, além de estabelecer princípios para a criação de novos termos e possibilitar, assim, comunicação mais precisa entre especialistas de diversas áreas do conhecimento, no âmbito da ciência e da tecnologia, em nível nacional e internacional.

Para a Teoria Geral da Terminologia, o trabalho terminológico inicia com o conceito que possui uma unidade de denominação que é o termo. Um termo designa um conceito, o conceito é o significado do termo. Para a *lexicologia*<sup>2</sup>, a unidade de trabalho é a palavra, que pode possuir conotações.

Na TGT, o conceito pertence, sempre a uma língua especializada. Ao tratar do assunto, Cabré (apud ANDRADE,2001, p.192) apresenta a seguinte definição:

---

<sup>1</sup> Descrição do léxico; elaboração de dicionários. (BIDERMAN, 2001, p.17).

<sup>2</sup> Ciência que tem como objetos básicos o estudo e análise da palavra, categorização lexical e a estruturação do léxico. (Ibid., p.16).

A terminologia é, antes de tudo, um estudo do conceito e dos sistemas conceptuais que descrevem cada matéria especializada; o trabalho terminológico consiste em representar esse campo conceptual, e estabelecer as denominações precisas que garantirão uma comunicação profissional rigorosa.

Quanto ao objeto, observamos que enquanto a lexicologia trata da palavra e do seu conteúdo conceitual, na língua comum, geral, natural e se caracteriza por apresentar *polissemia*, *homonímia* e *sinonímia*<sup>3</sup>. A terminologia se ocupa do termo e trabalha no âmbito da língua artificial, entendida por Campos como aquela que se configura dentro de um determinado grupo de especialistas, construída de forma a permitir uma relação *unívoca*<sup>4</sup> entre o conceito e a denominação.

A ordenação dos conceitos serve, então, não apenas para tirar estes conceitos e suas relações mais próximas, mas também para compreender as regras segundo as quais eles produzem outros conceitos. Definindo-os logicamente, pode-se isolar suas características essenciais e, com isso, fornecer as bases para a unificação, a divisão e o ordenamento, esta é a base epistemológica. Para os termos mais específicos aos usados na comunicação prática, interpreta-se o significado do termo, sendo suficiente, muitas vezes, uma “interpretação adequada”, esta é a abordagem pragmática. (GORKOVA, 1980 apud CAMPOS, 2001, p.71).

Uma das diferenças entre o trabalho terminológico e o lexicográfico é que este último tem por um de seus objetivos incluir os vários significados que uma palavra apresenta no tempo. Já para a atividade terminológica o que importa é o uso em vigor que o termo denota, endossado por uma determinada comunidade de especialistas. (WÜESTER, 1981 apud CAMPOS, 2001, p.67).

A TGT busca estabelecer princípios que visam a propiciar uma correspondência exata entre conceitos e termos, para facilitar a comunicação nos vários domínios da ciência e da

<sup>3</sup> Polissemia – uma palavra com vários significados; Homonímia – propriedade do que é homônimo, palavra que se pronuncia ou escreve da mesma forma que outra, mas cujo sentido e escrita são diferentes ou significado é diverso; Sinonímia – relação entre palavras sinônimas, fato lingüístico que se caracteriza pela existência de palavras sinônimas. (FERREIRA, 1988).

<sup>4</sup> Que só admite uma forma de apresentação. (ROCHA, 2001).

tecnologia. Um deles é o princípio da univocidade. Esta questão é complexa e, para os terminólogos de formação lingüística, a correspondência única entre significante/significado ou entre denominação e conceito - se realiza nos termos técnicos novos, a neoinímia. Para os terminólogos que seguem a TGT, no entanto, esta correspondência se dá via normalização, o que caracteriza a natureza prescritiva da terminologia.

Outro princípio geral da TGT é o da monorreferencialidade, que se relaciona ao fato de que “um significante terminológico, mesmo complexo, representa no espírito de um especialista da área um conjunto conceitual único”, defendido por Rondeau (1981 apud CAMPOS, 2001, p.68).

Para Kandelaki (1981 apud CAMPOS, 2001, p.70), a atividade terminológica tem início no glossário preliminar cujos termos compõem as terminologias de formação natural.

### 2.3 Classes de linguagens terminológicas

As classes de linguagens terminológicas são métodos utilizados para classificar os assuntos contidos nos documentos. Dentre os tipos de linguagens, podemos citar: linguagem controlada, linguagem normalizada, linguagem documentária, linguagens de indexação e de recuperação da informação, linguagens pré-controladas e pós-controladas, linguagens pré-coordenadas e pós-coordenadas.

A *linguagem controlada* pode ser definida como uma linguagem na qual os elementos (palavras) que a compõem são controlados de acordo com regras preestabelecidas. No momento em que se utilizam algumas normas, sempre as mesmas, prefixadas, seguindo um critério lógico e coerente, estaremos falando de *linguagem normalizada*. As unidades que a compõem adquirem a categoria de termos. Já uma *linguagem documentária* é uma linguagem controlada-normalizada usada com fins classificatórios, no sentido amplo desta expressão.

Entre as operações documentárias, destacam-se a *indexação* e a *recuperação da informação*, que surgiram da preocupação e do interesse em encontrar a informação e os documentos necessários para desenvolver uma atividade determinada. Para êxito na operação os documentos deveriam estar indexados e classificados.

Estudando as linguagens documentárias, observamos que, algumas vezes, o controle dos termos foi feito a priori, considerando-se a matéria, ou assunto, como conjunto. Outras vezes, o controle – normalização foi feito estudando os termos – unidades de indexação ou classificatórias em si mesmas, independentemente umas das outras, mas, em relação recíproca umas com as outras, considerando-se os princípios semânticos ou genéricos. Assim então, devem ser consideradas as *linguagens pré-controladas* e as *linguagens pós-controladas*. Exemplos das primeiras são as classificações hierárquicas, como a Classificação Decimal Universal, ou as facetadas, como a Colon Classification, de Ranganathan. Já uma lista de termos de indexação ou um cabeçalho de assunto são classificações documentárias pós-controladas.

Os termos de uma linguagem documentária poderão ser controlados previamente ou posteriormente. O controle pressupõe o estabelecimento de relações hierárquicas, associativas e de equivalência. Os termos podem ser simples ou compostos. A partir daí, podemos dizer que as *linguagens pré-coordenadas* são linguagens documentárias nas quais os termos que as compõem se coordenam em um processo prévio à sua utilização. Um exemplo típico é dado por um sistema de cabeçalhos de assuntos. As *linguagens pós-coordenadas* são linguagens documentárias nas quais os termos que a compõem se coordenam em processo posterior à sua determinação, por exemplo, no momento de seu estabelecimento ou de seu uso. Um exemplo clássico é constituído pelos tesouros.

As linguagens de indexação e de recuperação da informação poderão ser pré ou pós-coordenadas, de acordo com as necessidades do sistema de informação ou centro de documentação onde são usadas.

## 2.4 Socioterminologia

Socioterminologia é a disciplina que se ocupa da identificação e da categorização das variantes lingüísticas dos termos em diferentes tipos de situação de uso da língua. A denominação socioterminologia aparece pela primeira vez em um artigo publicado no ano de 1981, escrito por Jean-Claude Boulanger e publicado nos números 7-8 do *Terminogramme* do OLF, Québec. A partir de então, vários são os lingüistas que defendem o estudo e o registro social do termo, pois reconhecem que as terminologias estão abertas à variação.

Faulstich (1995) observa que é François Gaudin quem discute com maior propriedade a pertinência da terminologia voltada para o social. O princípio subjacente da pesquisa socioterminológica é o registro de variantes que leva em conta os contextos social, situacional, espacial e lingüístico em que os termos circulam. As variantes são resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, lingüística e geográfica faz do termo.

A socioterminologia focaliza o dado terminológico de maneira contrária à postura normativizadora da terminologia da década de 30. Nenhuma língua é um bloco homogêneo e uniforme, mas um sistema plural, constituído de normas que evidenciam os usos reais em variação.

Nos últimos anos a socioterminologia tem conquistado um espaço maior nas universidades estrangeiras e nacionais. O domínio desses conhecimentos aparece divulgado nos artigos científicos; nas comunicações que são testemunhos dos esforços empreendidos no processo de formação; nos relatos, como resultado das experiências vividas por profissionais.

## 2.5 Terminologia cultural

O homem, no interior do universo natural começou a construir, mediante um processo complexo, os diferentes universos culturais, formando um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças. Tanto na cultura, como no desenvolvimento da ciência e da tecnologia, vários termos vão surgindo e, a terminologia, por sua vez, vai formar a linguagem especializada por tema, responsável pela eficiência da aprendizagem e da posterior utilização do conhecimento adquirido na comunicação.

Assim, o estudo da terminologia tem importância na sociedade atual para a ampliação da aprendizagem, do saber e do saber-fazer do indivíduo, não só sobre determinada ciência ou campo de especialidade, como também o seu saber sobre o mundo. As formas de falar de uma determinada região ou grupo de especialidade, e o sentido que o falante dá ao léxico são importantes no estudo da linguagem, já que um dos seus objetivos é a informação e a comunicação.

A terminologia estudada no âmbito da cultura apresenta várias concepções. Em relação à cultura, Santos (1986 apud OLIVEIRA, 2004) observa que cada realidade cultural tem suas práticas, costumes, concepções e suas transformações. Para ele a cultura pode ser pensada sobre a própria realidade social e sobre o conhecimento, idéias e crenças de um povo. Para Laraia (2000 apud OLIVEIRA, 2004), “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais ou mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”.

Muitas vezes se fala de cultura para se referir às manifestações artísticas, outras vezes, como as festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, seu modo de se vestir, à sua comida e a seu modo de falar, existindo uma diversidade cultural. A terminologia é, portanto, representativa da diversidade cultural de um povo. Essa diversidade cultural está em relação, tanto com a realidade social do falante, em um determinado espaço e tempo, como de conhecimento de suas idéias e crenças. Nessa maneira de pensar, o termo cultural é concebido como a unidade lexical da linguagem natural, que para Oliveira, é representativo do universo do

falante. Nesse entendimento, observa o relacionamento língua/imaginação/realidade e a mediação do termo na relação homem-mundo, passando a ser denominada de terminologia cultural. Dessa maneira, a terminologia cultural definida como o conjunto de termos identificados como parte da cultura em que o homem fala e vive.

Em relação a identidade cultural, Loureiro (1995 apud OLIVEIRA 2004) faz uma observação sobre a identidade da cultura cabocla; para ele, essa identidade, como ocorre com outras culturas, tem a ver com o registro de determinadas matizes de pensamento e de comportamentos. Ele mostra que esses aspectos estão registrados na memória social dos grupos humanos e que esses registros tem durabilidade e persistência no tempo.

Com a diversidade de termos surgindo tanto na área técnica e científica, como na cultura, a comunicação para a recuperação da informação faz-se importante para que a sociedade possa gerar novos conhecimentos. Assim, diante da teoria e da prática, a terminologia representa o conhecimento organizado para a recuperação de informação em várias áreas do conhecimento humano. A coleta e o armazenamento a respeito de termos para a elaboração de glossários, dicionários, vocabulários e banco de dados terminológicos é uma maneira de prestação de serviços de informação para a sociedade, transmitida por meio de um determinado canal de comunicação.

## 2.6 A pesquisa terminológica no Brasil

A terminologia progrediu consideravelmente nos últimos 15 anos. Aqui no Brasil, esse período toma por base o Simpósio da *RITerm*<sup>5</sup>, ocorrido em 1990. No início dos anos 90, se poderia falar de um eixo geográfico bem definido de estudos terminológicos no Brasil, cujos pólos compreendiam Brasília e São Paulo, capital. Com preocupações voltadas à produção de

---

<sup>5</sup> Criada em 1988, a Rede Ibero-Americana de Terminologia é uma rede de intercâmbio e de trabalho na área da terminologia.

glossários, acompanhados ainda por reflexões sobre o léxico especializado, a Universidade de Brasília destacava-se com os estudos liderados pela professora Enilde Faulstich, originando-se daí o Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Lexterm).

Sendo no contexto de Brasília, encontra-se também o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), instituição que, além de contar com um setor de terminologia voltado, inicialmente a questões de documentação, desempenhou um importantíssimo papel no desenvolvimento da terminologia no Brasil, tendo oferecido subsídios para que as práticas e o conhecimento sobre os termos avançassem. Para tanto, propôs e apoiou a realização de cursos, ofereceu, por meio de convênios, bolsas no exterior para formação e treinamento em terminologia, tanto de seus técnicos, quanto de professores universitários. Essa mesma instituição acolheu a proposta de um projeto integrado para implantação e difusão de terminologia científica e técnica no Brasil, formulado em 1994, pela professora Enilde Faulstich, da Universidade de Brasília e Lígia Café, responsável pelo setor de terminologia do IBICT, o qual daria origem ao *BrasilTerm*<sup>6</sup>.

Outro importante eixo situa-se na Universidade de São Paulo (USP), com as destacadas atuações das professoras Maria Aparecida Barbosa e Ieda Maria Alves. Seus trabalhos são basilares no impulso aos estudos terminológicos. Esta universidade veio, já em 1992, a constituir o *CITRAT*<sup>7</sup>. Como um foco paralelo, o Rio de Janeiro, destacava-se como um espaço em que a terminologia também já estava presente, quer por meio dos estudos de tradução desenvolvidos na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ), quer por força de trabalhos de documentação, relacionados à problemática da padronização terminológica, visando a oferecer a comunicação entre especialistas.

Krieger assevera que esse triângulo geográfico corresponde ao núcleo fundador da terminologia no Brasil, ao qual, ainda no início dos anos 90, veio agregar-se um novo pólo impulsionador de práticas e estudos na área. Trata-se do projeto *TERMISUL*<sup>8</sup>, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cuja origem foi motivada pela necessidade de produzir glossários

<sup>6</sup> Banco nacional de dados terminológicos.

<sup>7</sup> Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia.

<sup>8</sup> Grupo de pesquisa teórica e aplicada sobre termos técnicos- científicos.

e dicionários especializados bilingües (português – espanhol) de modo a contribuir para a intercomunicação nos países integrantes do Mercosul, a ser formalmente instituído em 1995.

Observamos que as universidades brasileiras desempenharam, desde o início, um importante papel no avanço da área, em particular, o nível de pós-graduação, conforma assinala Ieda Maria Alves (1998 apud BEVILACQUA, 2004): “... é certamente por meio dos cursos de pós-graduação em lingüística que a terminologia está encontrando seu espaço”.

O espaço das universidades e o estudo da terminologia são os dois componentes essenciais do desenvolvimento da pesquisa terminológica no Brasil. A pesquisa terminológica desenvolve-se nas universidades brasileiras, em particular, naqueles cursos em que já havia estudos de lexicologia e lexicografia. Foi também de fundamental importância a proposição do Grupo de Trabalho (GT) Lexicologia e Lexicografia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Lingüística (ANPOLL) fundado em 1986. Este GT propôs a inclusão da Terminologia em sua denominação no ano de 1988.

Junto com a ANPOLL, as instituições universitárias são responsáveis pelo avanço qualitativo e quantitativo das pesquisas sobre os objetos terminológicos, especialmente aquelas universidades que contavam ou passaram a contar com programas de pós-graduação, onde se realizam Mestrados e Doutorados.

Nesse contexto de pós-graduação, multiplicaram-se as universidades que hoje fazem terminologia em nível de Mestrado e/ou Doutorado. Assim, além da Universidade de Brasília, da Universidade de São Paulo, da Federal do Rio Grande do Sul, passam a desenvolver estudos de terminologia a Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), em seus campos de Araraquara e São José do Rio Preto. Nessa trajetória, alinham-se a Universidade Federal de Pernambuco, a Universidade Federal do Ceará, a Universidade de São Carlos, e a Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais.

Outro fator determinante do avanço da terminologia em nosso país é o surgimento, mais recente, de várias publicações teóricas sobre esta área, referindo também aspectos práticos.

Corroborando, Bevilacqua (2004) afirma que os grupos de pesquisa têm publicado obras de referência especializada, que buscam suprir a carência de obras dessa natureza no país e que abarcam temas que vão da moda, à economia, ao futebol, ao direito, entre outros.

Como forma de congregar todas as atividades desenvolvidas no país em torno da terminologia e proporcionar o intercâmbio entre os diversos grupos de pesquisa e estudiosos da área entre si e com outras áreas inter-relacionadas, surgiram entidades que têm auxiliado no desenvolvimento da terminologia. Além do Grupo de Trabalho em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Associação Nacional de pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), há eventos em que espaços são dedicados à terminologia, como ocorre sempre no Encontro Nacional de Tradutores, organizado pela Associação Brasileira de Pesquisa em Tradução (ABRAPT), ou ainda, outros que começam a abrir suas portas aos pesquisadores da área, caso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). A abertura dessas instâncias representa um esforço coletivo para criar condições de intercâmbio de idéias e de informações e ainda de valorização de uma área nova.

Do ponto de vista epistemológico, a função conceitual da linguagem é a de possibilitar a comunicação e a transmissão de conhecimentos e valores. A linguagem é, portanto, um instrumento fundamental da cultura humana, pois possibilita a comunicação e a transmissão de conhecimentos, valores e normas sociais. A linguagem é, portanto, um instrumento fundamental da cultura humana, pois possibilita a comunicação e a transmissão de conhecimentos, valores e normas sociais. A linguagem é, portanto, um instrumento fundamental da cultura humana, pois possibilita a comunicação e a transmissão de conhecimentos, valores e normas sociais.

### 3 CONCEITOS, TERMOS E DEFINIÇÕES

Os conceitos são representações mentais de objetos ou fenômenos. Eles são formados a partir de experiências e observações. Os termos são palavras ou frases que representam conceitos. As definições são explicações ou descrições de termos. Os conceitos, termos e definições são elementos fundamentais da linguagem e da comunicação.

**“No silêncio e no recôndito do pensamento, nasce a claridade da compreensão quando a palavra se transforma em termo.” (EMÍLIA CURRÁS, 1995).**

Este texto discute a importância dos conceitos, termos e definições na linguagem e na comunicação. Ele destaca que os conceitos são representações mentais de objetos ou fenômenos, os termos são palavras ou frases que representam conceitos, e as definições são explicações ou descrições de termos. O texto também discute a importância da linguagem e da comunicação na cultura humana.

### 3.1 O termo e sua função cognitiva

Do ponto de vista da terminologia clássica, a perspectiva conceitual assume um papel relevante. Segundo Krieger (2001, p.24) isso se justifica uma vez que os fundamentos da TGT se estabelecem com base no propósito maior de padronizar o uso dos termos técnico-científicos, como forma de garantir a univocidade da comunicação entre especialistas, sobretudo, em âmbito internacional. A Escola de Viena privilegiou a perspectiva cognitiva da terminologia, ao compreender o léxico especializado como representação de conhecimentos produzidos pela ciência. Os termos são, portanto, considerados unidades de conhecimento, sendo deixado em segundo plano sua face de unidade lingüística.

Essa atitude diante do léxico explica também a razão pela qual a terminologia se define como de natureza onomasiológica, ou seja, parte dos conceitos de uma determinada área do conhecimento e busca suas respectivas denominações. Wüester (apud KRIEGER, 2001, p.25) diz que as terminologias expressam conceitos e não significados. Os conceitos científicos são estáveis, paradigmáticos, universais. Além de uma concepção positivista de ciência, encontra-se aí a idéia de que as terminologias funcionam como rótulos, etiquetas denominativas, constituindo-se em fenômenos particulares de designação.

A idéia do controle sobre as formas de dizer no âmbito das ciências e das técnicas pode ser compreendida no contexto de preocupações como as de Wüester, que concebe uma língua idealizada, e para quem o termo é instrumento de trabalho que deve servir de forma eficaz para desfazer ambigüidade na comunicação científica e técnica. Em conseqüência, a Escola de Viena consubstanciou-se no direcionamento do controle dos vocabulários especializados, bem como no privilégio à dimensão cognitiva dos termos técnico-científicos.

Krieger (2001, p.28) nos fala que até há pouco, eram apenas esses os fundamentos dos estudos terminológicos. Mas, apesar dessas limitações, o valor da TGT é incontestável, pois delimitou uma área de conhecimento, ao trazer à luz uma série de princípios que contribuíram, mesmo de forma restrita, para a compreensão da multifacetada natureza das terminologias.

Pode-se considerar o termo como uma unidade de pensamento que se configura em nosso cérebro, ao se colocar os neurônios em atividade pelos impactos de informação recebida do exterior, armazenadas para uso posterior e que se expressam por palavras, de acordo com uma linguagem especializada e normalizada para cada parcela do conhecimento.

O termo possui, pois, um único significado. A palavra pode ter vários significados. Um termo será uma palavra especializada para um campo determinado do conhecimento. É a expressão do significado de um conceito, que serve para a comunicação entre os especialistas em um determinado assunto ou atividade. Um termo é um símbolo (ou conjunto de símbolos ou sinais), com que se expressa um conceito, é portador de informação.

Em seus estudos sobre terminologias, Emília Currás (1995, p.30) arrola alguns conceitos referentes ao termo:

Unidade lingüística de um vocabulário especializado. (FELBER);  
Formalização de um conceito. (AMÉLIA DE INAZAZÁBAL);  
Primeiro elemento do conhecimento, útil para armazenar os conhecimentos. (DAHLBERG).

Na década de 90, a terminologia sofreu uma profunda revisão crítica que reverteu os parâmetros mentalistas e prescritivos, fundadores da TGT. Constata-se, em escala internacional, a intensificação de abordagens lingüísticas sobre a natureza e o funcionamento das terminologias. A terminologia integra um dinâmico e abrangente processo comunicacional, com todas as implicações e efeitos próprios do funcionamento da linguagem, abrindo assim, perspectivas para uma teoria da terminologia de base lingüístico-comunicativa.

Finalmente, entende-se que a função cognitiva do termo está diretamente relacionada a representação de conhecimentos produzidos por uma determinada especialidade, sendo portanto, unidades de conhecimento.

### 3.2 A dimensão lingüística do termo

A menção à face lingüística da terminologia efetivamente se apreende ao se examinarem as configurações e o funcionamento das unidades lexicais especializadas. Antes porém, cabe lembrar a condição primeira para que um nome se torne termo: “No plano nocional, para que um nome tenha direito ao título de termo, é necessário que ele possa, enquanto elemento de um conjunto (uma terminologia) ser distinguido de outro nome.” (REY, 1973 apud KRIEGER, 2001, p.28). Para Wüester (1998 apud KRIEGER, 2001, p.28), o termo corresponde à denominação constituída por diferentes simbolos lingüísticos.

Segundo a terminologia clássica, a noção do termo restringe-se à parte significante da unidade lexical. Entretanto, trata-se de considerá-lo na sua totalidade de signo lingüístico. Assim compreendido, o termo é o elemento léxico que melhor expressa a referida dimensão lingüística da terminologia.

A reversão do tradicional paradigma terminológico, sustentado em fundamentos extralingüísticos, pode ser constatada por meio de afirmações como segue: “Os termos, como as palavras do léxico geral, são unidades sígnicas distintivas e significativas, ao mesmo tempo que se apresentam de forma natural no discurso especializado.” (CABRÉ, 1993 apud krieger, 2001, p.29). Uma unidade lexical, simples ou complexa, adquire o estatuto de termo, se seu conteúdo semântico estiver circunscrito à determinada área técnica e/ou científica e não em razão de sua dimensão significante como se reafirma: “As denominações técnicas estão na língua porque são suscetíveis de serem traduzidas em língua estrangeira, mas são denominações de conhecimentos especializados, e é isto que as torna pertinentes terminologicamente.” (LERAT, 1995 apud KRIEGER, 2001, p.29).

A visão lingüística da terminologia, influenciada pela sociolingüística, vem demonstrando que o adequado reconhecimento da natureza e do funcionamento de um item lexical terminológico implica também reconhecer sua dimensão variante ou, eventualmente, de

sinônimo ou quase sinônimo. Justifica-se assim a relevância do contexto para a identificação das realizações terminológicas.

### 3.3 Conceitos: unidades de pensamento, de conhecimento e de comunicação

O conceito é uma construção mental que representa um objeto individual, material ou imaterial. Consiste num agregado de características que podemos conhecer como sendo comuns a um determinado grupo de objetos individuais.

Em terminologia, os conceitos são tidos como unidades pré-lingüísticas de conhecimento, isto é, conceitos podem existir sem símbolos ou signos lingüísticos que lhes correspondam previamente. Segundo Sager (1990 apud FINATTO, 2001, p.307), os termos são percebidos como símbolos ou rótulos que representam conceitos. A necessidade de uma denominação, neste sentido, é considerada como o primeiro passo na consolidação de um conceito como um instrumento socialmente útil.

Para Wüester (apud FINATTO, 2001, p.308), um conceito, distanciado de conceitos individuais, é a unidade que as pessoas identificam com um grupo de características por meio de sua organização mental e que são utilizados para sua compreensão. No âmbito da teoria terminológica, Alan Rey (1992 apud FINATTO, 2001, p.308) sinaliza que o conceito é uma representação abstrata, composta pelo conjunto dos traços comuns e essenciais a um grupo de entidades (objetos ou idéias) e obtida pela subtração das características individuais dessas entidades.

Currás (1995, p.23) cita várias definições referentes ao conceito:

- Unidade de pensamento, geralmente expressa por um termo, ou letras como símbolos, ou qualquer outro tipo de símbolos. (ISO/R 1087);
- Construção mental que serve para classificar objetos individuais ou abstrações. (ISO/R 704);

Unidade de conhecimento que dá origem a uma unidade de pensamento, portanto é a representação da verdade verificável e justificável. (SHUJI CZEHI);  
Elemento de conhecimento. Representação mental de objetos individuais que formam uma unidade de pensamento. Expressa-se por lexemas, formados por morfemas ou conjunto de morfemas, e pode apresentar peculiaridades distintas, por exemplo, ser objetos (substantivos), características (adjetivos ou advérbios), atos (verbos). (HELMUT FELBERT).

Felber (apud CURRÁS, 1995, p.23) também diz que conceito é a expressão “real”, objetiva de informações, que recebe forma por meio das palavras-elementos da linguagem- termos-dados, que adquirem significado quando se relacionam no contexto da economia, da política, da ciência, da sociologia, ou qualquer outro ramo do conhecimento. Isto é, uma palavra pode ter vários significados, segundo o campo de aplicação. Cada palavra-termo possui somente um significado em seu campo de aplicação.

Conceitos podem representar não só seres ou coisas na mente, mas, num sentido mais amplo, qualidades, ações, situações, relações, funções, etc. e nunca ocorrem em isolado, mas mantêm relações diretas ou indiretas com outros conceitos que compartilham um certo número das mesmas características que o estabelecem. Em terminologia, como bem observa Weissenhofer (apud FINATTO, 2001, p.308), os conceitos podem ser definidos como unidade de pensamento servindo à representação mental da realidade, ou como unidades de conhecimento, servindo a uma representação da estrutura de conhecimento, ou, finalmente, como unidades de comunicação que servem para comunicar conhecimento.

4.1 Terminologia e linguagem de especialidade

A linguagem de especialidade tem por função principal comunicar a todos os interessados em determinada área do conhecimento, os conhecimentos produzidos e acumulados nessa área. Ela é caracterizada por ser altamente específica, técnica e precisa, e por ser utilizada em contextos profissionais e acadêmicos.

Essa linguagem é essencial para a comunicação eficaz em áreas como a medicina, a engenharia e a ciência. Ela permite que especialistas compartilhem informações complexas de maneira clara e concisa, facilitando a colaboração e o avanço do conhecimento em suas respectivas áreas.

**4 TERMINOLOGIA:**

**LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE E DICIONÁRIOS**

Os dicionários de terminologia são ferramentas essenciais para a compreensão e o uso correto da linguagem de especialidade. Eles fornecem definições precisas e contextos de uso para termos técnicos, ajudando a evitar mal-entendidos e a garantir a clareza na comunicação.

4.2 Terminologia e linguagem de especialidade

A terminologia é o estudo dos termos e sua organização em sistemas. Ela desempenha um papel fundamental na construção de uma linguagem de especialidade coerente e consistente.

“O emprego de terminologias adequadas às diferentes situações de comunicação é também componente essencial do sucesso dos empreendimentos estabelecidos. Isto porque, como se sabe, as comunicações profissionais articulam-se ao modo de linguagens especializadas, as quais compreendem, em larga medida, seus termos técnicos”. (KRIEGER, 2001).

#### **4.1 Terminologia e linguagem de especialidade**

A língua apresenta uma linguagem geral, comum a todos os falantes e inúmeras linguagens especializadas, sejam regionais, profissionais, sociais, técnicas ou científicas. Essas linguagens especializadas constituem um conjunto de subcódigos que, evidentemente, mantêm coincidências parciais com o código e subcódigo da língua comum, caracterizando-se por algumas peculiaridades, específicas de cada uma delas.

A terminologia é uma área inter e transdisciplinar que trata dos conceitos e sua representação por termos, símbolos e outros signos lingüísticos. Segundo Cottez (1994 apud MACIEL, 2001, p.39), a terminologia se ocupa do termo, unidade lexical “profissionalmente marcada”. Os princípios teóricos e metodológicos de coleta, a classificação, criação, normalização dos termos constituem uma das faces da terminologia. Essa face se ocupa do gerenciamento das unidades significantes das linguagens de especialidade, alinhando, entre seus objetivos, a produção e difusão de dicionários, glossários, vocabulários e bancos terminológicos. Tais produtos contêm o conjunto de termos de uma área especializada, isto é, a terminologia específica do domínio.

#### **4.2 Termo e linguagem de especialidade**

As linguagens especializadas se caracterizam pelo emprego da terminologia, que representa a estrutura conceitual de determinada matéria, enquanto os termos denominam os conceitos da rede estruturada da matéria em questão. A diferença fundamental entre um texto da língua geral e outro, de uma linguagem especializada, está no uso dos termos específicos de determinada área, que lhe confere o caráter de especificidade, em distintos níveis de especialização, conforme o tipo de matéria e seu grau de abstração. (ANDRADE, 2001, p.193). São as palavras técnicas, isto é, os termos que revelam a especialização e que caracterizam imediatamente a linguagem de especialidade.

Maciel (2001, p.40), define linguagem de especialidade como repertório lingüístico usado pelos especialistas de áreas técnicas, científicas, artesanais e ocupacionais. Afirma ainda que é um uso da língua em uma situação comunicativa especializada. A linguagem de especialidade partilha de todas as características do sistema lingüístico denominado língua geral.

O termo é o item tematicamente marcado que se constitui na unidade lexical da linguagem de especialidade, assim como a palavra é a unidade da língua geral ou comum. Termo e palavra compõem a competência do falante ideal, competência geral, quando comum a todos e competência específica, quando própria de determinado grupo de falantes.

Tal como as palavras do léxico geral, os termos são unidades sígnicas distintivas e significativas ao mesmo tempo, apresentando-se de forma tão natural no discurso especializado, quanto as palavras, nos discursos que se valem da língua comum como forma de expressão. Desse ponto de vista, a língua de especialidade pode ser uma sublíngua da língua geral, dita natural, enriquecida com elementos especificados, conceitos e noções que se expressam por intermédio de termos específicos, peculiares a cada modalidade de especialização.

O conjunto de termos de uma área especializada representa o conhecimento dessa área e ao mesmo tempo denomina seus conceitos, sendo portanto uma maneira de conhecer e de denominar. Ao mesmo tempo os termos permitem a transferência do conhecimento da especialidade, são portanto unidades de comunicação e expressão. (CABRÉ, 1996 apud MACIEL, 2001, p. 41).

Os termos começam a existir quando se unem indissolavelmente a conceitos determinados dentro de um conjunto conceitual estruturado em uma área de especialidade. Só então, no interior desse sistema, as unidades lexicais se constituem em unidades terminológicas e passam a constituir uma terminologia. (MACIEL, 2001, p.41).

### 4.3 Dicionário de língua geral e especializado

O cientista, o profissional, o técnico, o artesão, todos se comunicam com seus pares, e/ou com os leigos, por meio do instrumento lingüístico comum. Por outro lado, como tão bem pondera Rey (1985 apud MACIEL, 2001, p.41), as terminologias não são compartimentos estanques dentro da área de especialidade, usadas exclusivamente por especialistas. Qualquer falante lança mão de palavras técnicas, mesmo quando não está usando a linguagem de especialidade. Assim, um número cada vez maior de termos criados em áreas técnicas ou científicas para denominar conceitos altamente especializados caíram hoje no domínio público. De acordo com Ferreira (1988, p. 221) “o dicionário é um conjunto de vocábulos duma língua ou de termos próprios duma ciência ou arte, dispostos, em geral, alfabeticamente, e com o respectivo significado, ou a sua versão em outra língua”.

Nesta fala está claro que, o conceito de dicionário é caracterizado por ser um repertório de palavras e conter o significado dessas palavras em forma de definição. Os dicionários podem ser monolíngües, bi – ou multilíngües, podem focar a língua em toda a sua extensão ou apenas em um aspecto, traz repertório da língua de um grupo ou de um país.

Dentre a vasta tipologia de dicionários, vale destacar duas grandes categorias: o dicionário de língua geral e o dicionário especializado. O dicionário de língua geral visa a competência lingüística do falante, apresenta um inventário, que tende a ser completo, do léxico de uma língua. O dicionário especializado concentra-se em um recorte de um inventário maior, quer da língua geral ou da linguagem de especialidade.

O dicionário de língua, partindo de uma realização mais ou menos padronizada da unidade da unidade lexical, apresenta todos os seus significados e usos possíveis, incluindo a indicação de formas que a palavra pode assumir.

O conjunto de unidades selecionadas para constituir o repertório do dicionário, tende a abarcar a totalidade das palavras que compõem o léxico comum de uma língua, concentrando-se,

de maneira especial, nas formas correntes na época de sua elaboração. Alfabeticamente organizada, a nomenclatura de um dicionário de língua geral compreende desde formas do falar popular até palavras eruditas de uso acadêmico.

O dicionário especializado é constituído por vocábulos especiais usados em contextos particulares. Maciel afirma que a distinção entre dicionário de língua geral e dicionário especializado é tradicionalmente marcada pela noção de todo e parte. O traço distintivo de ambos identifica-se como uma simples questão de limites do objeto: o conjunto integral do léxico ou um conjunto de palavras selecionadas de acordo com determinada especialidade.

#### **4.4 Dicionários técnicos**

Os dicionários técnicos podem ser classificados em dois grandes grupos: dicionário lexicográfico e dicionário terminológico. O primeiro elaborado dentro dos princípios teóricos e metodológicos da lexicologia e lexicografia e o segundo orientado pela terminologia e terminografia.

O dicionário técnico lexicográfico é essencialmente lingüístico, apresenta palavras e lista seus significados, formas e dá exemplos de diferentes usos. O termo é um elemento lingüístico do vocabulário especializado que tem seu referente no universo real ou imaginário. A definição do dicionário técnico lexicográfico é uma explicação ou descrição do significado de um termo como um item lexical dentro do sistema lingüístico. (MACIEL, 2001, p.44).

No dicionário terminológico, o termo é um conceito único em um sistema de conceitos específicos. A definição do dicionário terminológico remete a um corpo de conhecimento, normalmente através de um formato padronizado que tende a usar a fórmula clássica do gênero próximo e diferença específica, constituindo a explicitação das características de um conceito dentro de um sistema conceitual.

Segundo Maciel (2001, p.44), a nomenclatura do dicionário terminológico inclui expressões complexas na forma de *sintagmas*<sup>9</sup>, siglas, abreviaturas e até fórmulas dos mais variados ramos da ciência envolvidos na área repertoriada, bem como nomes próprios de objetos ou entidades.

---

<sup>9</sup> Sintagma é uma seqüência de palavras que constituem uma unidade (sintagma vem de uma palavra grega que comporta o prefixo *sin-*, que significa *com*, que encontramos, por exemplo, em simpatia e sincronia). Um sintagma é uma associação de elementos compostos num conjunto, organizados num todo, funcionando conjuntamente. (...) sintagma significa, por definição, organização e relações de dependência e de ordem à volta de um elemento essencial. (DUBOIS-CHARLIER. Bases de Análise lingüística).

## 5 LINGUAGENS TERMINOLÓGICAS: O TESAURO

**“Tesauro é uma linguagem documentária dinâmica que contém termos relacionados semântica e logicamente, cobrindo de modo compreensivo um domínio do conhecimento.”  
(Jerocir Botelho Marques de Jesus, 2002).**

## 5.1 Tesouro: histórico e evolução

### 5.1.1 Definições de tesouros

A palavra tesouro tem origem greco-latina e significa “tesouro”, “repositório”. Seu uso tornou-se popular a partir da publicação do “*Thesaurus of english words and phrases*”, de Peter Mark Roget, em 1852, uma coleção de termos na qual as palavras foram agrupadas de acordo com o seu significado, não obedecendo à ordem alfabética.

Vários autores, como Brian Vickery e Alan Gilchrist comentam que Helen Brown, em 1957, foi a primeira pessoa que usou a palavra *thesauros*, que foi divulgada durante a *Dorking Conference on Classification*, onde foi questionado que o problema da recuperação da informação era o de transformar conceitos e suas relações, da forma como se expressam na linguagem dos documentos, em uma linguagem mais regularizada, com os sinônimos controlados e sua estrutura sintática simplificada.

O Shorter Oxford Dictionary (1736 apud CURRÁS, 1995, p.84) diz que tesouro é “um tesouro, ou depósito de conhecimentos: por exemplo, um dicionário, uma enciclopédia e outras obras semelhantes.” Por sua vez, no Webster’s American Dictionary (apud CURRÁS, 1995, p.84) em edições sucessivas escreve-se sobre tesouro: “Um livro de palavras, ou informação sobre um determinado assunto, ou conjunto de conceitos, especialmente um dicionário de sinônimos.”

Ao final da década de 50, quando começam o desenvolvimento e a utilização dos sistemas de indexação e classificação à base de palavras-chave, Howerton (apud CURRÁS, 1995, p.85) diz que o tesouro é “uma lista autorizada, que pode conduzir o usuário de um conceito a outro, por meio de relações heurísticas ou intuitivas.”

Em 1976 foram publicados os manuais da UNESCO<sup>10</sup>, onde são definidos os tesouros, segundo sua função e estrutura:

---

<sup>10</sup> Organização das nações unidas para a educação, a ciência e a cultura.

Segundo sua função, tesouros constituem um instrumento de controle terminológico usado para um sistema lingüístico; Segundo sua estrutura, tesouros são vocabulários controlados e dinâmicos de termos relacionados, semântica e genericamente, que cobrem um domínio específico do conhecimento.

Alan Gilchrist, em 1987, publicou o livro intitulado “*Thesaurus construction*”, onde define tesouro como sendo:

Um vocabulário de uma linguagem controlada de indexação, organizado formalmente, de forma que as relações entre conceitos se estabeleçam a priori, para ser usado em sistemas de recuperação da informação, sejam estas bases de dados, índices impressos ou catálogos.

A norma UNE 50-106 (1989 apud CURRÁS, 1995), tradução da norma ISO 2728, em sua Segunda edição de 1986, define tesouro como:

Um vocabulário de uma linguagem de indexação controlada (onde esta é uma série de termos extraídos da linguagem natural e utilizados para representar, de forma breve, os assuntos dos documentos), organizado formalmente, com objetivo de tornar explícitas as relações a priori entre conceitos.

Currás (1995, p.88) define tesouro como uma linguagem especializada, normalizada, pós-coordenada, usada com fins documentários, onde os elementos lingüísticos que o compõem - termos, simples ou compostos - encontram-se relacionados entre si sintática e semanticamente.

### 5.1.2 Histórico dos tesouros

Segundo, Currás (1995, p.90), no que se refere à “teoria dos tesouros”, tudo começou pelo aumento de assuntos – conhecidos e de criação nova – que apareciam na literatura cada vez mais extensa e de todo tipo: os sistemas hierárquicos ou facetados não respondiam adequadamente às demandas de informação. O problema consistia em encontrar, planejar novos sistemas de classificação que permitissem mais flexibilidade no tratamento dos assuntos contidos

nos documentos. Surgiram os primeiros métodos de classificação utilizando conceitos tirados dos próprios documentos, sem ligação prévia. Receberam o nome de *thesaurus*, atendendo a definições e documentos também existentes.

A partir de 1940, o termo tesouro começou a ser utilizado na esfera da Biblioteconomia e, em especial, no processo de recuperação da informação, como sendo um instrumento capaz de transportar conceitos e suas relações mútuas, tal como expressos na linguagem dos documentos, em uma língua regular, com controle de sinônimos e estruturas sintáticas simplificadas.

Sua história teve início em meados dos anos 50, quando Howerton e Helen Brown, cada um separadamente, utilizaram pela primeira vez a palavra *thesaurus*. Este fato coincidiu com o desenvolvimento do sistema *Uniterm*, elaborado por Mortimer Taube e surgido em 1951. Os termos que determinam os conceitos eram unidades lingüísticas simples. Ele foi o primeiro que utilizou a denominação de palavras-chave para designar as palavras que determinavam o conteúdo dos documentos. Criaram-se categorias de palavras-chave. Um eram as palavras-chave principais, as que se utilizavam, e as outras eram seus sinônimos. Às palavras-chave principais chamou de “descritores”, cunhando, dessa forma, a expressão para a posteridade.

Como, naquele tempo, também os computadores eletrônicos começaram a ser utilizados, a ordenação de unidades isoladas de classificação não importava grande inconveniente. Era no processo de busca de informação que se podia combinar os conceitos, usando o sistema booleano, e se obtinha a informação desejada. É atribuída a esse autor a expressão *information retrieval*, recuperação da informação, que também passou a ser de uso generalizado.

O sistema *Unitermo*, contudo, não satisfazia a maioria, sobretudo aos que tratavam de assuntos muito concretos e de volume menor de documentos. Esse foi o motivo que fez com que Calvin N. Moores, já em 1949, criasse seu sistema “*Zator*”, onde as palavras-chave podiam ser termos compostos ou simples. Desta maneira, tornava-se possível a sua combinação na fase de

construção do sistema classificatório. Por isso, Moores chamou seu sistema de fichas, já confeccionadas e devidamente dispostas, de “Zatocoding”.

Com os descritores construía-se índices, o processo de obter aquelas palavras dos documentos com as quais se confeccionavam os índices chamou-se indexação. Não se tem informação exata da data em que se começou a usar essa expressão. Deve ter sido ainda antes de 1945, pois, nas referências às classificações facetadas, já se fala da indexação.

Os anos de 1947 a 1960 aproximadamente, foram tempos de grande atividade no que se refere ao estabelecimento dos princípios e das definições dos diferentes processos. Nessa época, foram fixados os conceitos de descritor, indexação, indexação coordenada, relevância e pertinência. Nota-se a grande preocupação em construir um sistema que determinasse o conteúdo dos documentos. Os primeiros tesouros formalmente construídos apareceram nos Estados Unidos a partir de 1960. Por exemplo, o *thesaurus da Armed Service Technical Information Agency* (ASTIA), convertido, posteriormente no *Defense Documentation Center* (DDC), foi publicado, precisamente, em 1960. Começa, assim, uma etapa em que a preocupação está centralizada na construção de tesouros. A década de 70, apresenta um florescimento de acontecimentos, continuando a ênfase na construção de tesouros. O interesse pelos tesouros foi aumentando, com uma utilidade preponderante na recuperação da informação.

O *Thesaurus of Engineering and Scientific Terms* (TEST) foi publicado em 1967 e constituiu a base na qual o reino Unido fundamentou-se para construir seu *British Standard 5723*. Do mesmo modo, a ISO tomou esse documento como modelo para elaborar a norma ISO 2728, em sua primeira edição de 1974.

São numerosas as obras publicadas na década de 70, como também o foram as obras editadas na década seguinte. Nesses anos e até nossos dias, continuou-se sentindo a necessidade de dispor de tesouros eficazes, tanto para indexação, como para a recuperação da informação.

### 5.1.3 Características e funções dos tesauros

Os instrumentos de representação da informação para indexação, armazenamento e recuperação de documentos são considerados linguagens documentárias. São linguagens artificiais por não resultarem de um processo evolutivo, e por necessitarem de regras explícitas para seu uso.

A palavra é a menor unidade léxica, cujo significado se depreende do contexto em que ela figura mas que, tomada isoladamente, pode ter vários significados. O uso de palavras na indexação/recuperação é inadequado pela ambigüidade que elas carregam. A partir de alguns princípios, escolhe-se uma determinada palavra ou expressão para representar um único conceito ou idéia. Quando isto se dá, tem-se então, não mais uma “palavra”, mas um “termo”. O termo equivale a um conceito mais uma designação. Esta designação pode ser constituída por uma ou mais unidades léxicas (palavras).

No âmbito dos tesauros, os conceitos são designados por termos. O tesouro deve ser baseado em conceitos e não em palavras, uma vez que cada significado deve ser representado por uma única forma verbal. O conceito é fundamental para a elaboração de tesauros. Para cada conceito existe uma denominação. O conceito pode ser entendido como sendo o significado do termo.

O principal objetivo do tesouro é o controle terminológico e sua função básica é representar os assuntos dos documentos e das solicitações de busca. A representação do assunto é feita no momento da indexação: o documento é analisado, seu conteúdo identificado e devidamente “traduzido”, de acordo com os termos do tesouro e com a política de indexação estabelecida.

A estrutura do tesouro é um elemento importante para que ele possa cumprir sua finalidade, ela permite ao usuário (indexador ou consulente) encontrar os termos mais adequados, mesmo sem saber, de início, o nome específico para representar a idéia ou o conceito que ele

procura. A partir de um termo que o usuário conhece, o tesauro, através de sua estrutura, mostra diversos outros que podem ser tão ou mais oportunos do que aquele inicial.

As principais relações entre os conceitos são de equivalência, hierarquia e de associação. A relação de equivalência estabelece-se entre termos que representam o mesmo conceito, ou seja, entre termos sinônimos ou equivalentes. A relação hierárquica exprime os graus de superordenação e subordinação entre os conceitos. O termo superordenado representa o conceito mais abrangente, do qual o termo subordinado é uma parte ou tipo. A relação associativa ocorre entre termos que não são equivalentes nem formam uma hierarquia, mas são tão associados mentalmente que se deve tornar esta ligação explícita no tesauro.

Seguindo os acordos internacionais, adotaram-se notações alfabéticas para designar as relações entre termos. São colocadas sempre precedendo o termo ao qual fazem referência. São elas:

NE - Nota de escopo ou explicativa.

USE - Indica o descritor – termo preferido – que se escolhe entre vários termos sinônimos ou quase sinônimos.

UP - Indica o termo equivalente – não preferido.

TG - Termo genérico

TE - Termo específico.

TR - Termo relacionado.

#### 5.1.4 Princípios de um tesouro

Baseada numa vasta definição de tesouros, Currás (1995, p.88) apresenta algumas condições a serem seguidas, para que um tesouro seja considerado como tal:

Ser uma linguagem especializada;

Estar normalizado em um processo pós-controlado;

As unidades lingüísticas que o compõem, por tratar-se de léxicos dedicados a um assunto concreto, adquirem a categoria de termos convertidos em palavras-chave, pois determinam o assunto que trata o documento;

Estas palavras-chave relacionam-se entre si, hierarquicamente, de forma associativa ou por semelhanças de equivalência;

Estes processos de relação poderiam se realizar com métodos de pré-coordenação ou pós-coordenação;

Trata-se de linguagens terminológicas, usadas com fins documentários, portanto convertem-se em linguagens documentárias utilizadas no processo de indexação, classificação e recuperação da informação;

Devem permitir a introdução ou supressão de termos, para manter sua atualidade constantemente;

Devem servir para converter a linguagem natural, dos documentos, ambígua e livre, em uma linguagem concreta, normalizada, apta a controlar a informação contida no documento;

Devem servir de ligação entre o documento e o usuário, onde o documentalista é o elo fundamental.



## 6. 1 Linguagem especializada da Marinha e a metodologia para a construção do tesauro

Como em qualquer campo de conhecimento e de atuação, a Marinha possui uma linguagem própria construída ao longo de seu desenvolvimento. Isto é percebido na literatura e também no cotidiano dessa corporação, onde os envolvidos se comunicam usando expressões que, para outros, pode se tornar fator de ruído na comunicação. A partir desta constatação, nos definimos em desenvolver estudos no sentido de construir um tesaurus concernerente ao campo da Marinha do Brasil, e o qual denominamos de “Tesauro de termos navais”.

O tesauro foi construído a partir da consulta de alguns livros de Marinharia, de algumas obras de referência como Dicionário de termos náuticos e Glossário de gíria maruja, tomando como base o Vocabulário Controlado do Senado, como também, da observação ao longo do ano de 2004, no que diz respeito às linguagens utilizadas pelos marinheiros, enquanto estagiava na biblioteca da instituição.

O estudo em questão tem como pilares basilares a pesquisa exploratória, que conforme Rudio (1983) seu objetivo: “Consiste numa caracterização inicial do problema, de sua classificação e de sua reta definição. Constitui o primeiro estágio de pesquisa científica, não tem por objetivo resolver de imediato um problema, mas tão somente apanhá-lo, caracterizá-lo”.

No que concerne aos procedimentos metodológicos, é utilizado o método socioterminológico, o qual fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem. (FAULSTICH, 1995, p.282).

Apresenta cerca de 216 termos de indexação estruturados em ordem alfabética, representando conceitos. As relações estruturais entre os descritores são incluídas a medida em que os termos forem surgindo. A estrutura do nosso tesaurus, assim como de outros é a seguinte:

- USE (Termo Autorizado)

Termo que o indexador poderia atribuir a um documento para descrever o seu conteúdo (assunto).

- NE (Nota Específica)

Notas de escopo e definições sucintas quando há necessidade de assegurar um uso correto do termo de indexação autorizado.

- UP (Usado por)

Sinônimos, quase sinônimos e formas alternativas cujo uso não está autorizado. Tais termos, precedidos por asteriscos, indicam através do “USE”, o termo autorizado.

- TG (Termo Genérico)

Relação hierárquica que indica o(s) termo(s) específico(s).

- TR (Termo Relacionado)

Termo(s) relacionado(s) não hierarquicamente. Em geral, se dois termos participam da referência cruzada “TR”, acredita-se que o usuário, ao examinar um dos termos, tenha interesse em ser alertado para a existência do outro.

## 6.2 Tesouro de termos navais

### A

#### Abalroamento de navios

**TR** - acidente marítimo.

- colisão de navios.

#### Abertura de portos

**NE** – usar subordinado:

**BRASIL - HISTÒRIA –**

abertura dos portos.

#### Abordagem (direito marítimo)

**NE** – Termo mais usado no sentido de entrar a bordo pela força.

#### Acidente marítimo

**TR** – Abalroamento de navios.

- Colisão de Navios.

- Naufrágio.

#### Acordo militar

#### Acusação

#### Adaptação (psicologia)

**UP** – ajustamento (psicologia)

#### Adaptação social

**UP** – ajustamento social.

**Adestramento**

**NE** – usar também, subordinado a determinados assuntos.

**UP** – mestramento.

**\*Adestramento militar**

**USE** – treinamento militar.

**Adido****Adido militar**

**TG** - direito diplomático.

**TE** - adido naval

**Administração****Administração militar****Administração****Administração portuária****Aduana****Aduana**

**USE** – Alfândega.

**Agente de navio****Agente de navio****Água do mar****Água do mar****Ajuda militar****Ajuda militar**

**USE** – assistência militar.

**Ajustamento****Ajustamento (psicologia)**

**USE** – adaptação (psicologia)

**Ajustamento****Ajustamento social**

**USE** – adaptação social.

**Alistamento militar****TR** – serviço militar.**UP** - serviço militar obrigatório.**Almirante****Alto** – mar**UP** – alto-mar.

- mar livre.

**Anti** – submarino**Apreensão****Aptidão****TR** – cognição.**Aptidão física****TR** – teste de Cooper.**NE** - teste de natação.**Área marítima****Arma****TE** – arma de fogo.**TR** – cacete.**Arma de fogo****TG** – arma.**Atemunio** (direito pessoal)**UNE** – circunstância atenuante

**Armador**

**NE** – proprietário ou locatário de navio.

**UP** – proprietário de navio.

**Armamento**

**NE** – obras que tratam do poderio militar: inclui recursos materiais, arma e potencial industrial de guerra.

**TR** – indústria bélica.

**UP** – armação.

**Armas nacionais**

**TR** – símbolos nacionais.

**Arte e ciência militar**

**USE** – ciência militar.

**Assistência marítima****Assistência militar**

**NE** – usar também, seguido do adjetivo pátrio.

Ex: assistência militar americana.

**UP** – ajuda militar.

**Ataque**

**TR** – ataque e defesa (ciência militar)

**Ataque e defesa (ciência militar)**

**TG** – ataque.

**Atenuante (direito pessoal)**

**USE** – circunstância atenuante.

**UP** – amenizar a pena.

### Avaria

**TR** - colisão de navios.

**TR** - dano.

**TR** - problema.

-controle de avarias.

### Aviação naval

**TR** – aviação embarcada.

### Aviação embarcada

**TR** – aviação naval.

### Arsenal

**NE** – local onde são construídos os navios de guerra.

**TR** – arsenal da Marinha.

### Arsenal da Marinha

**TG** – arsenal.

### Armação

**TR** – armamento.

**UP** – “armar” um navio, provê-lo do necessário à sua utilização.

### Arqueação

**NE** – artifício utilizado para designar o cálculo do volume interno dos navios.

**UP** – Cálculo do volume interno dos navios.

### Banco patrulha

**TG** – banco.

**TR** – banco pesqueiro.

**Alamares**

**NE** – É a reminiscência da antiga corrente que as autoridades navais usavam para pendurar os apitos.

**Atracação**

**NE** – encostar um navio a um cais.

**Atracação**

**NE** – encostar um navio a um cais.

**Agulha**

**NE** – primitivas peças imantadas para o governo do navio.

**UP** – bússola.

**Apito do marinheiro**

**UP** – eventos de rotina de bordo.

**Arte naval**

**TG** – marinharia.

**Aparelhos do navio**

**TG** – marinharia.

**B****Barco**

**TR** - barco patrulha

- barco pesqueiro.

**Barco patrulha**

**TG** – barco.

**TR** – barco pesqueiro.

**Barco pesqueiro**

**TG** – barco

**TR** – barco patrulha.

**Base militar**

**TR** – base naval.

**Base naval**

**TG** – base militar.

**NE** – usar, também, seguido do nome específico.

Ex: Base Naval do Rio de Janeiro.

**Batalha naval**

**TE** – Batalha do mar das Filipinas, 1944.

- Batalha do Riachuelo, 1865.
- Batalha do Rio da Prata, 1939.

**Batalha do Mar das Filipinas**

**TG** – Batalha naval.

**TR** – Batalha do Riachuelo.

- Batalha do Rio da Prata.

**Batalha do Riachuelo**

**TG** – Batalha naval

**TR** – Batalha do Mar das Filipinas.

- Batalha do Rio da Prata.

**Batalha do Rio da Prata**

**TG** – Batalha naval.

**TR** – Batalha do Mar das Filipinas.

- Batalha do Riachuelo.

**UP** – Rio da Prata, Batalha do, 1939.

### Batimento de quilha

**NE** – cerimônia no estaleiro, na qual a primeira peça estrutural que integrará o navio é posicionada no local de construção.

**TR** – quilha.

### Bandeira Nacional

**TR** – cerimonial da bandeira.

- bandeira a meio-pau.

### Bandeira a meio-pau

**TG** – Bandeira Nacional.

**TR** – Cerimonial da bandeira.

## C

### Cabo

**UP** – corda.

### Câmara

**NE** – local que aloja o comandante do navio ou oficial mais antigo presente a bordo.

**TR** – camarotes.

- camarins.

### Camarotes

**NE** – local que aloja oficiais.

**TG** – câmara.

**TR** – camarins.

### Câmbio marítimo

**NE** – contrato de empréstimo realizado pelo dono do navio ou por seu capitão sob garantia real.

**Campanha naval**

**Canal marítimo**

**Canção militar**

**TR** – canção patriótica.

**USE** – hino militar.

**Canção patriótica**

**TR** – canção militar.

**USE** – hino patriótico.

**Capitão de navio**

**Capitania dos portos**

**Capitão – armador**

**Cargo militar**

**Carta náutica**

**Casco de navio**

**Cerimonial da Bandeira**

**TG** – Bandeira Nacional.

**TR** – Bandeira a meio-pau.

**UP** – Arriar e içar a bandeira.

**Cerimonial de bordo**

**TR** – saudação ao pavilhão

**TR** -saudação ao comandante

-saudação ao imediato

-saudação ao oficial de serviço

-saudação entre militares

**TR** -saudação com espada

**TR** -saudação com espada

**Cerimonial de recepção e despedida**

**NE-** Cerimonial correspondente á sua patente, constando de toques de apito característicos e da continência de quem o recebe ou despede-se dos presentes.

**TR** -apito

**Ciência militar**

**UP** – arte e ciência militar.

**Circunstância**

**Circunstância atenuante** -circunstância que atenua a pena

**TR** – atenuante.

**UP** – amenizar a pena.

**Comércio marítimo**

**TR** – navegação

**TR** -navegação de guerra

**Condecorações navais**

**TR** – medalhas

**TR** -medalhas

**Construção naval** -obra

**Contrato marítimo**

**TR** -comandante do navio

**Controle naval**

**Comandante do navio**

**Controle de avarias**

**TG** – avaria.

**TR** – colisão de navios.

- dano.

○ - problema.

**Colisão de navios**

**TG** – abalroamento de navios.

**TR** – acidente marítimo.

○ - avaria.

**\*Corda**

**USE** – cabo.

**Cobertas**

**NE** – alojamento da guarnição e seus locais de refeição.

**TR** – coberta de rancho.

○ - coberta de praças.

**Coberta de rancho**

**TG** – cobertas.

**TR** – coberta de praças.

**Coberta de praças**

**TG** – cobertas.

**TR** – coberta de rancho.

**Comandante**

**TR** – comandante do navio.

**Comandante do navio**

**TR** – comandante.

**Cognição Naval**

**TR- Aptidão Militar**

**D**

**Defesa Naval**

**Direito de Navegação**

**USE- Navegação(direito Marítimo)**

**Direito do Mar**

**USE- (Direito Marítimo)**

**UP- Direito do Mar.**

**TE- Navegação direito marítimo.**

**Direito Marítimo Internacional**

**UP- Direito Internacional Marítimo do Mar.**

**-Direito Internacional do Mar.**

**Direito Militar**

**TG- Direito**

**Desincorporação**

**NE- Cerimônia realizada quando termina a vida de um navio;é desincorporado por baixa,da esquerda da força naval,da companhia de navegação a que pertencia,ou do serviço que prestava.**

**Domínio Marítimo**

**Doutrina Militar**

**TR- Doutrina naval.**

**Doutrina Naval****TG-** Doutrina Militar.

Energia Do Mar

**E** - Estratégia do Mar**Energia Hidráulica Do Mar****USE-** Energia Do Mar**Energia Do Mar****UP-** Energia Hidráulica do Mar**Energia Oceânica****USE-** Energia Do Mar**Engenharia Naval**

Energia Hidráulica do Mar

**Ensino Militar**

Energia Do Mar

**Equipamento Naval**

Energia Hidráulica do Mar

**Escola Naval**

Energia Do Mar

**Estaleiro****NE-** Estabelecimento industrial onde são construídos navios.**UP-** Construção Naval

Energia Hidráulica do Mar

**Estratégia Marítima****UP-** Estratégia Do Mar

Energia Do Mar

**Estratégia Militar**

**Estratégia Naval**

1.1 - Energia do Mar

**Estratégia do mar****USE- Estratégia marítima**

1.1 - Energia do Mar

**Eventos marítimos****TR- Evento Naval**

1.1 - Energia do Mar

**Evento naval****TG- Evento marítimo.****Exploração Marítima****USE- Pesquisa Oceanográfica.**

1.1 - Energia do Mar

**Exploração Submarina****USE- Pesquisa Oceanográfica.**

1.1 - Energia do Mar

**Embarcação**

1.1 - Energia do Mar

**Empresa de Navegação**

1.1 - Energia do Mar

**Energia das marés****UP- Energia da maré.**

- Energia Maremotriz.

- Força de Maré.

**TR - Energia do mar.**

- Fluxo de maré.

- Fonte alternativa de energia.

1.1 - Energia do Mar

- Usina Maremotriz.

1.1 - Energia do Mar

Energia das Ondas

TG- Energia do Mar.

UP - trabalho, serviços, atividades

Energia do mar

UP- Energia hidráulica do mar.

NE - Energia Oceânica . (energia gerada de navios militares, com quem o navio é associado)

TE- Energia das marés.

TO - Energia das Ondas.

TR- Fonte renovável de energia.

TR - trabalho, atividades

**F**

Força Aeronaval

TR - trabalho e atividades

\*Força de maré

USE – energia das marés

TR - trabalho, atividades

Força de navios varredores

TR - trabalho, atividades

Força de submarinos

TR - trabalho, atividades

Força militar

TR - trabalho, atividades

Força naval

NE – usa também, seguido do adjetivo pátrio.

Ex: força naval soviética.

TR - trabalho, atividades

Forças armadas

TR - trabalho, atividades

Frota marítima

**Faina****TR** – faxina**UP** – trabalho; serviço; atividade.**Flâmula de comando****NE** – flâmula que fica no topo do mastro dos navios indicando por quem o navio é comandado.**G****Guerra submarina****H****Higiene naval****TR** – higiene e primeiros socorros.**Higiene e primeiros socorros****TR** – higiene naval.**História naval****NE** – usar também, subordinado a países, estados, regiões etc.**Hospital militar****TG** – medicina militar.

- hospital naval.

**Hospital naval****TG** – hospital militar.**TR** – medicina militar.

**I** – as indústrias que produzem os materiais necessários para a construção dos navios, bem como os materiais necessários para a manutenção e reparação dos navios.

**Ilha marítima**

Curva do arado

**Indústria militar**

**TR – indústria naval**

**Indústria naval**

**TG – indústria militar**

**TR – navio**

Intendência naval

**Intendência naval**

**Incorporação**

**NE –** cerimônia em que o navio é incorporado a uma esquadra, força naval, companhia de navegação ou a quem vá ser responsável pelo seu funcionamento, depois de construído e pronto o navio.

**UP –** incorporar um navio à esquadra.

**J**

**Justiça militar**

**Jeque**

**NE –** bandeira na proa, que identifica dentro de cada nação soberana, quem tem a responsabilidade sobre o navio.

**L**

**Lançamento**

**NE** – cerimônia em que o navio é lançado ao mar quando está pronto. Nesta ocasião é batizado por sua madrinha e recebe nome oficial.

#### **Livro do navio**

**NE** – livro onde é registrada a vida do navio e somente será fechado quando ele for desincorporado.

#### **Livro de contravenções**

**NE** – livro onde são registradas contravenções efetuadas pelos militares.

#### **Legislação militar**

### **M**

#### **\* Mar, contaminação**

**USE** – poluição marinha.

#### **\* Mar livre**

**USE** – alto mar.

#### **Marinha**

**TR** – marinha de guerra.

- marinha mercante.

#### **Marinhagem**

**USE** – marinharia.

#### **Marinheiro**

**NE** – usar também, seguido do adjetivo pátrio.

Ex: marinheiro brasileiro.

#### **Marítimo**

**UP** – trabalhador marítimo.

**Maré**

**TR** – energia das marés.

**\*Maremotriz**

**USE** – energia das marés.

**Mar**

**TR** – oceano.

**\*Mar-livre**

**USE** – alto mar.

**Medicina militar**

**TR** – hospital militar.

- hospital naval.

**Mostra de armamento**

**NE** – mostra feita pelos construtores e recebedores, se constitui em uma inspeção do navio para ver se está tudo em ordem, de acordo com a encomenda. Na ocasião é lavrado um termo, onde faz-se constar a entrega, a incorporação e tudo o que há a bordo.

**TR** – mostra de desarmamento.

**Mostra de desarmamento**

**NE** – mostra realizada na cerimônia de desincorporação do navio.

**TR** – mostra de armamento.

**Marinharia**

**NE** – estudo dos aparelhos do navio, da sua manobra, utensílios marinheiros e da arte naval.

**TR** – aparelhos do navio.

- manobra do navio.
- utensílios marinhos.

- arte naval.

- manobra do navio

**TG** – marinharia

**N**

**Navegação**

**TR** – comércio marítimo.

**Navegação costeira**

**TR** – navegação de cabotagem.

**Navegação (direito marítimo)**

**UP** – direito de navegação.

**TG** – direito marítimo.

**Navegação marítima**

**TR** – transporte marítimo.

**Navio**

**TR** – indústria naval.

- navios de guerra
- navios auxiliares
- navios de combate
- navio mercante

**Navio de guerra**

**NE** – constituído especialmente para fins militares ou que estejam sob comando militar.

**TR** – navios auxiliares.

**TG** – navio.

## Navio mercante

### Navios de combate

**TG** – navio de guerra.

**TR** – navios auxiliares.

**TE** – navios aeródromos.

- navios contratorpedeiros.
- navios corvetas
- navios fragatas
- navios submarinos
- navios mineiros

### Navios auxiliares

**TG** – navios de guerra

**TR** – navios de combate

**TE** – navio escola

- navio hospital.
- navio oceanográfico
- navio hidrográfico.
- navio faroleiro.
- navio balizador.
- navio monitor.
- navio tanque.
- navio desembarque.
- navio patrulha fluvial.
- navio costeiro.
- navio transporte fluvial.
- navios rebocadores.

**O** *política naval***Operação naval***TR - política marítima***Organização militar***TR - política militar***P***política naval***\*Pesca sub-aquática****USE** – pesca submarina.**Pesquisa oceanográfica****UP** – exploração marinha.

-exploração oceanográfica.

-exploração submarina.

**TG** – oceanografia**\*Plataforma submarina****USE** – plataforma continental.**Poder marítimo****TR** – poder militar.

- poder naval.

**Poder militar****TR** – poder aéreo.

- poder naval.

**Polícia naval****Política marítima****TR** – política militar.

- política naval

### Política militar

**TR** - política marítima

- política naval

- militarismo

### Política naval

**TR** – política militar

- política marítima

**\*Poluição do mar**

**USE** – poluição marinha.

**\*Poluição do oceano**

**USE** – poluição marinha.

### Poluição marinha

**UP** – mar, contaminação.

- poluição do mar.

- poluição do oceano.

- poluição marítima.

**TR** – poluição.

**\*Poluição marítima**

**USE** – poluição marítima

### Programa militar

### Propulsão naval

**Poder naval****Poder naval****TR** – poder ofensivo

A - poder defensivo

- poder marítimo

TR - poder militar

TR - poder naval

**Poder ofensivo****TG** – poder naval**TR** – poder defensivo.**Poder defensivo****TG** – poder naval.**TR** – poder ofensivo.**Poder marítimo****TR** – poder militar.

-poder naval

**Poder militar****Poder militar****UP** – poderio militar**TR** – poder aéreo.

-poder marítimo.

-poder naval.

**Seguro marítimo****Q****Serviço militar****Quilhos****TR** – batimento de quilhos

**Qualidades marinheiras**

## **R**

**Reconhecimento marítimo**

**Recrutamento**

**TR** – recrutamento militar.

**Recrutamento militar**

**TG** – recrutamento.

**Recursos marinhos**

**UP** – recursos marítimos.

- recursos oceânicos.

**Recursos marítimos**

**USE** – recursos marinhos.

**Rota marítima**

## **S**

**Segurança marítima**

**Seguro marítimo**

**Serviço militar**

**TR** – alistamento militar

- serviço militar

Sistema naval

**T**

Tecnologia naval

Trabalho marítimo

Tráfego marítimo

Transportador marítimo

TR – navegação marítima.

Tribunal marítimo

Tribunal militar

TR – código de processo penal militar.

Timoneiro

NE – aquele que governa o timor das embarcações.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

**“Adeus, minha escola querida,  
Adeus, vou à Pátria servir  
Adeus, camaradas gentis,  
Adeus, adeus, adeus,  
Eu vou partir, eu vou partir”.**  
**(Letra e música de Luiz Magalhães).**

Como se vê, a problemática terminológica predominou durante décadas, embasadas nos princípios da teoria geral da terminologia (TGT), fundamentada nas linhas teóricas enunciadas por Eugen Wüster, considerado o pai desta disciplina, no século XX. Novas concepções acerca da terminologia surgem, exigindo assim uma releitura de suas questões. Quanto a socioterminologia e a terminologia cultural, a primeira é mostrada como disciplina descritiva, que estuda o termo sob a perspectiva social e a última como um produto de um conjunto de termos da cultura. Tais linguagens são estudadas através do modo de vida do homem, no contexto social em que fala e vive, identificando os termos portadores de informação com sua significação para o entendimento do processo da comunicação. É observado que o uso da linguagem representa o meio de onde vive o homem e o termo define o significado e o sentido na mediação da comunicação no contexto de sua aplicação.

Cada vez mais, a terminologia assume relevância na sociedade atual. Como observamos, o trabalho nacional e internacional é muito frutífero. Realizam-se congressos e reuniões, existem escolas de linhas de pesquisa, existem bancos terminológicos nacionais e internacionais de inúmeras especialidades e também, inúmeros grupos de discussões acerca da temática terminológica.

Os especialistas empregam as linguagens especializadas como meio de expressão e comunicação profissional. Depois do que foi descrito aqui e examinando a extensa bibliografia, concluímos que a terminologia é primordial para o entendimento entre os cientistas e especialistas de qualquer atividade profissional.

Realmente, no mundo moderno se evidencia, de forma cada vez mais marcante, a necessidade de emprego da terminologia nas relações, na transferência de informações e nas comunicações científicas, tecnológicas e profissionais. A linguagem especializada, fazendo uso da terminologia, constitui-se base para a estruturação do conhecimento, pela sistematização dos conceitos; desempenha papel de destaque como instrumento de comunicação entre especialistas e canal de transferência de tecnologia.

Efetivamente, as linguagens de especialidade, na busca de precisão conceitual, utilizam termos próprios, com os quais circunscrevem conceitos e transmitem conhecimentos específicos. Dessa forma, uma utilização adequada das terminologias, favorecendo a univocidade comunicacional, é condição de eficiência das comunicações especializadas.

Favorecer as condições da comunicação especializada é uma forma de oferecer ferramentas confiáveis de trabalho aos tradutores, aos redatores de textos técnicos e científicos, e principalmente, relacionando à nossa temática, aos documentalistas e bibliotecários, no que se refere à utilização de tesouros e vocabulários controlados. Torna-se necessário então, um maior envolvimento da Biblioteconomia e da Ciência da informação com o trabalho terminológico, ampliando assim nosso campo de atuação.

O *Tesouro de termos navais* é relevante para a Marinha do Brasil e pode ser o primeiro passo, embora tímido ainda, para a construção de um vocabulário de inúmeras especialidades relacionadas ao fazer profissional da MB. A finalização desta monografia é motivo de orgulho pra mim e representa instrumento impulsionador rumo à novas navegações na busca de um maior aprofundamento na área terminológica, mais especificamente da especialidade em questão.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado*. Brasília: MEC/SEESP, 2003. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/seesp/publicacoes/2003/polnape.pdf>. Acesso em: 10/05/2010.

BRASIL. Decreto. *Articulação para o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças com necessidades especiais*. Brasília: MEC, 1993.

BRASIL. Lei. *Lei nº 5.046, de 28 de setembro de 1966, que dispõe sobre a pesquisa, a habilitação, a educação e o trabalho de deficientes físicos*. Brasília: Senado Federal, 1966.

BRASIL. Lei. *Lei nº 5.209, de 25 de março de 1967, que institui o Plano Nacional Especializado de Educação Especial para deficientes físicos e dá outras providências*. Brasília: Senado Federal, 1967.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado*. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

## 8 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado*. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado*. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado*. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado*. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado*. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado*. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado*. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado*. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado*. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado*. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado*. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

**“Tudo vale a pena,  
se a alma não é pequena”.**  
**(Fernando Pessoa).**

ANDRADE, Maria Margarida de. **Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais.** In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. p. 191-200.

AUSTIN, Derek. **Diretrizes para o estabelecimento e desenvolvimento de tesouros monolíngües.** Brasília: IBICT/Senai, 1993.

BEVILACQUA, Cleci Regina; KRIEGER, Maria da Graça. **A pesquisa terminológica no Brasil: uma contribuição para a consolidação da área.** Disponível em: [www.riterm.net/revista/n\\_1/krieger.pdf](http://www.riterm.net/revista/n_1/krieger.pdf). Acesso em 25 de abril de 2005.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As ciências do léxico.** In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

BRASIL. Marinha do Brasil. **Apostila de História Naval.** 1. ed. Fortaleza: EAM/CE, 2002.

BRASIL. Marinha do Brasil. Diretoria de Ensino da Marinha. **Livro –texto de Marinharia I.** Rio de Janeiro: DENSM, 2001.

BRASIL. Marinha do Brasil. Diretoria de Ensino da Marinha. **Livro-texto de Marinharia II.** Rio de Janeiro: DENSM, 2001.

BRASIL. Subsecretaria da biblioteca do Senado Federal. **Vocabulário controlado básico.** Brasília: PRODASEN. 226p.

BRUSCHINI, Cristina; ARDAILLON, Danielle; UNBEHAUM, Sandra G. **Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Ed. 34, 1998.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminologia, uma disciplina em evolução: pasado, presente y algunos elementos de futuro.** Disponível em: [www.riterm.net/revista/n\\_1/cabre.pdf](http://www.riterm.net/revista/n_1/cabre.pdf). Acesso em 25 de abril de 2005.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **Linguagem documentária: teorias que fundamentam sua elaboração.** Niterói: EdUFF, 2001. 127p.

CERVANTES, Brígida Maria Nogueira. (et al). **Pesquisa terminológica para a elaboração de linguagem documentária.** In.: In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, V., 2003, Minas Gerais. **Anais...** Minas Gerais: UFMG, 2003. Cd rom.

CINTRA, Ana Maria.(et al). **Para entender as linguagens documentárias.** 2. ed., rev. e amp. São Paulo: Polis, 2002. 96p. (Coleção palavra chave).

CORREIA, Margarita; ANDRADE, Ana Rebello de. **Desenho de um corpus de especialidade: a propósito do projecto termináutica.** Disponível em: [www.iltec.pt/pdf/wpapers/colombia\\_ana.pdf](http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/colombia_ana.pdf). Acesso em 25 de abril de 2005.

CORREIA, Margarita. **Para uma cooperação entre especialistas do domínio e terminólogos – o caso de dois dicionários náuticos portugueses**. Lisboa: ILTEC, 2003. Disponível em [www.itec.pt/pdf/wpapers/term-margarita-maritima.pdf](http://www.itec.pt/pdf/wpapers/term-margarita-maritima.pdf).

Acessado em 21 de novembro de 2004.

CURRÁS, Emília. **Tesouros, linguagens terminológicas**. Brasília: IBICT, 1995. Tradução de Antônio Felipe Corrêa da Costa.

DIAS, Cláudia Augusto. **Terminologia: conceitos e aplicações**. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s0100-19652000000100009...](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0100-19652000000100009...)

Acessado em 13 de novembro de 2004.

FAULSTICH, Enilde. **Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina**. Ci. Inf., Brasília, v.24, n.3, p. 281-288, set./dez,1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1988.

FINATTO, Maria José Bocorny. A definição terminológica do dicionário termisul: expressão lingüística de relações conceituais complexas. In: KRIEGER, Maria da Graça. (org.). **Temas de terminologia**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001.

FONSECA, Maurílio Magalhães. **Arte Naval**. 6. ed. Rio de Janeiro: SDM, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. p. 27-48.

ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

JESUS, Jerocir Botelho Marques de. **Tesouro: um instrumento de representação do conhecimento em sistemas de recuperação da informação**. Disponível em: [www.sibi.ufrj.br/snbu2002/gen2.htm](http://www.sibi.ufrj.br/snbu2002/gen2.htm). Acesso em 20 de maio de 2005.

LAAN, Regina Helena Van Der; FERREIRA, Glória Isabel Satta Mini. **Tesouros e terminologia**. Disponível em: [www.fflch.usp.br/citrat/terminologia.htm](http://www.fflch.usp.br/citrat/terminologia.htm). Acesso em 12 de julho de 2004.

LARA, Marilda Lopez Ginez de. **Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária**. Disponível em: [www.ibict.br/cienciadainformacao/include.php?id=1089&article=304&mode=pdf](http://www.ibict.br/cienciadainformacao/include.php?id=1089&article=304&mode=pdf). Acesso em 20 de maio de 2005.

LYRA, Márcio de Faria Neves Pereira de. **Tradições do mar: usos, costumes e linguagem**. 7. ed., ver. e aum. Brasília: SRPM, 1999. 40 p.:il.

KRIEGER, Maria da Graça. (org.). **Temas de terminologia**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001.

MACIEL, Anna Maria Becker. Terminologia, linguagem de especialidade e dicionários. In: KRIEGER, Maria da Graça. (org.). **Temas de terminologia**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001.

MARTORELL, Carme Bach. **Los marcadores de reformulación como localizadores de zonas discursivas relevantes en el discurso especializado**. Disponível em: [www.riterm.net/revista/n\\_1/bach.pdf](http://www.riterm.net/revista/n_1/bach.pdf). Acesso em 25 de abril de 2005.

MINEIRO, Ana. **Aspects discursifs et linguistiques dans la terminologie maritime du portugais européen**. Disponível em: [www.terminometro.info/modules/articles/terminologie/index.php?lng=pt&id=108&ln-fr](http://www.terminometro.info/modules/articles/terminologie/index.php?lng=pt&id=108&ln-fr). Acesso em 25 de abril de 2005.

MOSTAFA, Solange Puntel. **Ciência da informação e suas relações com outras áreas**. Disponível em: [www.marilia.unesp.br/cedhum/pdf/texto03.pdf](http://www.marilia.unesp.br/cedhum/pdf/texto03.pdf). Acesso em 15 de junho de 2004.

NUNES, Naidea. Projecto RiTerm\_jovem **Terminologia açucareira iberoamericana**. Disponível em: [www.riterm.net/revista/n\\_1/informe\\_nunes.pdf](http://www.riterm.net/revista/n_1/informe_nunes.pdf). Acesso em 14 de novembro de 2004.

OLIVEIRA, Maria Odaisa Espinheiro. **A terminologia cultural na mediação da informação e da comunicação: estudo em narrativas populares amazônicas**. Disponível em: [2<http://www.socinfo.com/ci/terminologia>](http://www.socinfo.com/ci/terminologia). Acesso em 14 de novembro de 2004.

OLIVEIRA, Odaisa Espinheiro de Oliveira. (et al.). Vocabulário terminológico: a experiência do projeto RESNAPAP. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, V., 2003, Minas Gerais. **Anais...** Minas Gerais: UFMG, 2003. Cd rom.

PENALVA, Gastão. **Gíria maruja**. Rio de Janeiro: SDM, 1982.

RAMOS, Patrícia Chittoni. Interface tradução terminologia. In.: KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker. (org.). **Temas de terminologia**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

SILVA, Monge da. **Influência das descobertas na linguagem popular**. Disponível em: <http://www.terravista.pt/bilene/8721/terminologia%20dos%20descobertas.htm>. Acesso em 15 de dezembro de 2004.

SMIT, Johanna W.; TÁLAMO, Maria de Fátima G. M.; KOBASHI, Nair Y. **A determinação do campo científico da ciência da informação: uma abordagem terminológica.** Disponível em: [http://fmail2.uol.com.br/cgi-bin/webmail.exe/datagamazero - revista de ciencia da informacao](http://fmail2.uol.com.br/cgi-bin/webmail.exe/datagamazero_-_revista_de_ciencia_da_informacao)  
Acesso em 13 de setembro de 2004.

TÁLAMO, Maria de Fátima G. M. **Linguagem documentária.** São Paulo: APB, 1997. Ensaios, nº 45. 12f.

[www.mar.mil.br](http://www.mar.mil.br)

Acessado em 29 de outubro de 2004.